

## OS INVEJOSOS

**ALBERONI, Francesco.** *Gli invidiosi*, Milano, Garzanti Editore, Itália. Tradução e resumo: Ir. Paulo Dullius

Evangelho de Marcos, 6,1-6: *Naquele tempo, Jesus foi a Nazaré, sua terra, e seus discípulos o acompanharam. Quando chegou o sábado, começou a ensinar na sinagoga. Muitos que o escutavam ficavam admirados e diziam: “De onde recebeu ele tudo isso? Como conseguiu tanta sabedoria? E esses grandes milagres que são realizados por suas mãos? Este homem não é o carpinteiro filho de Maria e irmão de Tiago, de Joset, de Judas e de Simão? Suas irmãs não moram aqui conosco?” E ficaram escandalizados por causa dele. Jesus lhes dizia: “Um profeta só não é estimado em sua pátria, entre seus parentes e familiares”. E ali não pôde fazer milagre algum. Apenas curou alguns doentes, impondo-lhes as mãos. E admirou-se com a falta de fé deles. Jesus percorria os povoados das redondezas, ensinando.*

### O confronto invejoso

Desejamos o que vemos. Ser como os outros, ter o que eles têm. Desde criança aprendemos olhando nossos irmãos, nossos pais. Como adultos observamos o que fazem os vizinhos, os personagens do espetáculo, identificando-nos com eles. O desejo é uma energia atizada do externo. O contato com outras pessoas estimula, nos seduz, nos tenta, nos arrasta a querer sempre mais, sempre novas coisas, a colocar miras sempre mais altas, a ir sempre além.

Mas esta incessante atividade de desejar encontra inevitavelmente frustrações. Nem sempre conseguimos obter o que conseguiram os que nos serviram de modelo. E somos constrangidos a fazer um passo para trás. Este recuo pode assumir várias formas: de cólera, de tristeza, de renúncia. Ou então, de rejeição do modelo com o qual estávamos identificados. Para rejeitar o desejo rejeitamos a pessoa que no-lo indicou, a desvalorizamos, dizemos que não merece, que não vale nada. Esta é a primeira raiz da inveja.

A outra raiz da inveja está na exigência de julgar. Para saber quanto valemos nos confrontamos com alguém outro. Começamos de criança nos confrontando com nosso irmão, ou é nossa mãe que nos compara a ele. Depois continuamos ao longo da vida com os amigos, com os colegas, com quem nos superou ou com quem deixamos para trás. Cada vez que nos avaliamos, cada vez que somos avaliados.

Isso acontece em todas as épocas e em todas as culturas, nos homens como nas mulheres, e ninguém pode subtrair-se. Melhor ou pior, acima e abaixo, mais e menos, bem e mal, elogio e repreensão, sucesso e insucesso, tudo isso são comparações. Para pensar em nós mesmos, somos condenados a confrontar-nos com outros seres humanos, com as suas qualidades, com as suas virtudes, com sua beleza, a sua inteligência, seus méritos. Em qualquer forma de avaliação sempre existe ‘alguém’ que constitui a nossa medida, que no confronto se coloca no centro de nosso ser. Queremos ser melhores, superiores, mais apreciados. Não há limite para este impulso. Por isso nunca terminam os confrontos, os julgamentos. A energia social complexiva é o produto desta força ascensional, desta propulsão comparativa. Se não conseguimos, se o confronto é em nossa desvantagem, nos sentimos diminuídos, desvalorizados, vazios. Então procuramos proteger o nosso valor. E podemos fazê-lo de várias formas: renunciando às nossas metas, ficando indiferentes, ou procurando desvalorizar o modelo, abaixando-o ao nosso plano. Este mecanismo de defesa, esta tentativa de proteger-se através da ação de desvalorização, é a **inveja**.

A **inveja** é, portanto, uma parada, uma retirada, uma estratégia para subtrair-se ao confronto que nos humilha. É uma tentativa de expulsar o estímulo desvalorizando o objeto, a meta, o modelo. Desejar e julgar são dois pilares de nosso ser, mas também fontes da inveja. Cada desejo encontra sempre algum obstáculo, cada confronto pode colocar-nos em dificuldades. A

inveja é um ato de defesa, uma tentativa de fechar-nos em um refúgio, em uma fortaleza por temor daquilo que nos espera. É a sombra negativa de nosso eu vital. A inveja tem suas razões em nossas motivações mais profundas, em nossas aspirações mais elevadas. O desejo frustrado retorna através de nossa concentração obsessiva sobre alguém que chegou lá onde nós fracassamos. A inveja é uma revolta contra nossa falta metafísica de autonomia. Quando somos nós os invejados, sentimos um ar poluído. A inveja dos outros nos fere, envenena nossa vida. A inveja é agressividade.

### **A condenação social**

A inveja é um mecanismo de defesa que colocamos em ação quando nos sentimos diminuídos pelo confronto com alguém. É, portanto, uma atividade, um processo. A inveja é também um 'vício', algo que a sociedade condena e que condenamos em nós mesmos. Não é somente um sentimento ou um comportamento, é também um julgamento, uma proibição.

Assim, duas moças se querem bem. Depois uma delas cresceu mais, arrumou namorado... A outra se sente desigual, diminuída, inferior. Sofre. A amiga a consola dizendo-lhe que ficará bonita. Mas ela fica sempre mais triste e se pergunta por que tanta diferença entre elas. "Por que ela e não eu?" E não encontra resposta. Assim, o **primeiro** movimento do processo invejoso: o confronto negativo, a perda dolorosa do próprio valor. Mas ainda não há agressividade contra a outra, nem tentativa de desvalorizá-la.

Um dia esta moça se encontra com uma conhecida que lhe diz com dureza: "O que pensas? A tua amiga é bela, muito mais bela que você. Ela o sabe muito bem". A moça fica perturbada. Sente-se diminuída, desvalorizada, impotente. Experimenta o tormento da impotência. Com as palavras da conhecida, 'a outra sabe que é mais bonita', endereçou seu pensamento na direção da agressividade. O processo invejoso fez um passo adiante. A moça sente um impulso de ódio, deseja que a amiga fique feia, não quer mais vê-la. É o **segundo** movimento.

Agora vem a última (**terceira**) passagem: a condenação social e a sua interiorização. Por exemplo: Uma moça quando vai aos vizinhos, mas não quer ir junto às festas por se sentir menor e pior. O tio disse à sua filha que desse um moleton à outra moça. A filha consentiu e lhe emprestou um moleton branco, bonito. Ao vesti-lo, sentiu-se bem nele. Perguntou à filha: "como senta em mim?" Ela a olhou em silêncio, depois gritou: "Tire-o, não quero emprestá-lo mais" e pôs-se a chorar e a gritar, numa verdadeira reação histérica. O pai veio e lhe perguntou "por que não queria mais emprestá-lo!? Você tem tantos outros! Porque lhe assenta demasiado bem!". Ela era jovem também e não compreendeu o sentimento que lhe fez mudar de idéia. Mas seu pai, sim. Furioso deu-lhe um tapa: "Malvada. Invejosa, malvada". A moça tirou o moleton e desistiu em sair para a festa.

Esta moça ainda não tinha experimentado o sofrimento de não valer, teve uma reação agressiva, quase instintiva. É assim que reagem as crianças, os adolescentes e certos tipos humanos que conservam os caracteres infantis e adolescenciais. Mas seu pai tinha reconhecido a inveja e lhe comunicou imediatamente a desaprovação sua e a da sociedade. Agora a moça sabe que foi julgada e interiorizou a condenação. E completou-se o processo.

**O invejoso é acusado de três culpas.** 'Mas, o que você pretende, a tua amiga é bela, muito mais bela que você'. Nesta frase já tem uma condenação social. A mulher fala em nome da sociedade. Não diz "Me parece que ela seja bela", mas "É bela, o que você pretende?" Ser bela ou não ser bela não é questão de opinião individual. É um juízo social de valor. Através de suas palavras a sociedade pronuncia uma sentença que não se pode objetar. No fundo diz à moça: "Não te revoltas, aceita o nosso julgamento". Rebelar-se ao julgamento social, colocá-lo em dúvida ou negá-lo, é a **primeira culpa** do indivíduo.

Depois vem a **segunda culpa**: a agressividade. O invejoso desvaloriza o outro, procura diminuí-lo, prejudicá-lo. É uma violência contra uma pessoa que a sociedade aprecia.

Duas acusações, portanto: te rebelas ao juízo de valor da sociedade e agrides aqueles que a sociedade tem em apreço. A palavra *inveja* expressa esta condenação, e é um pedido para agir

diferente. Todos os seres humanos tendem a fazer confrontos, a dar julgamentos, a afirmar a si mesmos no lugar dos outros. A sociedade deve impor seus valores, colocar limites às pretensões desenfreadas do indivíduo.

Mas, ainda existe uma **terceira acusação**: “O que lhe fez de mal?” Não sabemos responder porque aquele que invejamos não fez nenhum gesto agressivo. A nossa derrota não veio de uma ação, de uma violência, mas única e simplesmente do confronto que fizemos. É que descobrimos ser inferiores e nos sentimos humilhados. Não fomos agredidos. Somos destruídos por um outro sem poder acusá-lo. “O que te fez?” serve para condenar-nos.

A inveja é, portanto, um dano que você recebeu, mas que ninguém fez. São danos imaginados e é produto da mente. A acusa da inveja ataca todos os movimentos do ânimo: *o julgamento*, porque impõe ao sujeito não pretender atribuir ele o valor, ao passo que deve aceitar somente o estabelecido pela sociedade; *o sentimento de diminuição*, de pena, dizendo que é desmotivado, absurdo; *a agressão*: “O que te fez? Por que você é má para com quem não te fez nada?”

A inveja verdadeira e própria, completa, nasce do encontro entre a experiência interna e o julgamento moral da sociedade. Ela é ao mesmo tempo sentimento e julgamento, experiência e reprovação, paixão e condenação da paixão.

### **Sentimentos e palavras**

Voltando ao caso das duas moças. Se aquela que se sente inferior encontra outra senhora e esta lhe diz: “Tua amiga tem a beleza dela, mas é um pouco gorda. Você é magra, delicada. Só que precisa cuidar-se, maquiarse”. A moça segue os conselhos e se transforma, e em pouco tempo nota que também é admirada, e a inveja desaparece. Cada uma se tornou segura de seu valor. Neste caso a inveja, depois de um primeiro momento de ‘confusão’, teve um efeito benéfico: ajudou a moça a encontrar-se a si mesma.

Mas poderia ter sido diferente. Há pessoas que renunciam a melhorar-se, procuram se fazer mais desagradáveis. E desaparecem as forças. A inveja não estimula a aprender, e revela que não tem nada a fazer. Podemos falar de dois tipos de inveja: inveja *competitiva* e inveja *depressiva*.

Ainda existe outro caso: um jovem estudioso fez carreira brilhante, e era admirado. Num determinado momento, por azar seu, um colega seu, sem grandes capacidades, fez uma descoberta revolucionária que lhe deu um sucesso internacional. Os meios de comunicação falavam praticamente só dele. O primeiro fez de tudo para atacá-lo, estragar sua imagem e esta ‘perseguição’ se tornou obsessão. Isso é uma inveja que não dura apenas um instante, mas é algo que caracterizou sua vida, que o envenena. É inveja obsessiva, a *obsessão invejosa*.

Há casos em que a experiência de fracasso não é tão forte. Em compensação é um ódio em relação ao invejado. Algumas pessoas competem sempre com os colegas e têm prazer não tanto pelo próprio sucesso, quanto do fracasso dos outros. É a *inveja maligna*.

Há também as pessoas, os velhos que temem a concorrência dos jovens. Olham para eles com desconfiança, prontos a desvalorizá-los. O velho quer conservar o seu poder como o trabalho e a riqueza. Tem medo de todos os que crescem. E os jovens têm por sua vez o tempo, a vida. Por isso os inveja. É a *inveja avarenta*.

A inveja é o sentimento de uma possibilidade de vida obstaculizada, derrotada, mas não apagada. Ou ainda demasiado fraca, insegura, não segura de si; das energias ainda não bem desenvolvidas ou que começam a declinar. Não no pleno florir, porque então a vida supera os obstáculos.

Há grande diferença entre um organismo em crescimento, que vai à procura de suas possibilidades e um em declínio, que está descobrindo seus limites. Os traços de inveja na adolescência e na juventude são, muitas vezes, uma exploração dos próprios desejos e possibilidades. Quando estamos em crescimento, a inveja não paralisa a vontade, não faz renunciar à meta, não desencadeia pensamentos maus e mesquinhos. Não recusa a competição, mas assume os riscos sem terror.

A inveja é, portanto, uma nebulosa de experiências emotivas e precisamos de muitas expressões para denominá-la. E neste campo a linguagem é bastante pobre. Falar de nossas invejas significa falar de nossas esperanças mais secretas, de nossos sonhos mais íntimos e de nossos fracassos, de nossa incapacidade, dos limites insuperáveis que encontramos em nós mesmos. A inveja também está na raiz de muitas de nossas inimizades e torna ambíguas muitas de nossas amizades. A inveja é um sentimento de bifurcação de estrada, um ponto de passagem onde se chega a outras experiências e das quais se parte para alcançar outros sentimentos.

### **A inveja é violência irregular**

Em geral se diz que quando nos sentimos diminuídos, não nos tiram nada. No entanto, pelo menos gerou em nós desejos que não quiséssemos ter. A pessoa invejosa não pode repreender a invejada por tê-la humilhado com a sua presença, com sua promoção. A inveja surge da proibição da violência, aquela que se manifestaria imediata e terrível quando nos damos conta que o outro teve mais do que nós, que nos superou. Uma violência que brilha por um instante no olho invejoso de uma mulher que vê entrar em uma sala uma rival mais bela e admirada. Ensina-nos na infância que desejar o mal dos que tem mais do que nós é uma culpa, um pecado, um vício. Cada sociedade permite que se expresse esta agressividade: torneio, desafio, duelo. O desafiado não pode subtrair-se. Algo semelhante está nas comunidades esportivas: hierarquia de competições com regulamento. Todos precisam submeter-se. Na sociedade capitalista requer-se que o confronto que poderia dar origem à inveja seja elaborado sob forma de emulação (empenho em superar outros), competição, concorrência.

Outro campo onde a competição é fortíssima é o sistema político. Se alguém ganha o poder, outro o perdeu. Está exposto, portanto, o confronto invejoso. Isso se nota nos congressos do partido e nas eleições, onde um assiste a humilhação e o triunfo do outro. Entram complexos sistemas de alianças, promessas não mantidas, episódios de corrupção.

Alguns distinguem ainda inveja boa de uma inveja má. A inveja boa seria o desejo doloroso que experimentamos vendo alguém outro conseguir as coisas onde nós gostaríamos, mas sem ódio por ele, sem querer tirar-lhe o que tem. Não é fácil considerar certas coisas como inveja. Poderíamos chamar de *inveja boa* a inveja que estimula reações e comportamentos apreciados pela sociedade. Então, em vez de *inveja boa* é preferível falar em *emulação*. Olhando alguém que é melhor que nós ou que atingiu um resultado superior, sentimos um profundo desejo de chegar ao mesmo nível e, e nos colocamos a caminho. Aceitamos a competição segundo as regras estabelecidas pela sociedade. Mas, desta forma, saímos do universo invejoso.

### **A lesão, o ímpeto ('morso') da inveja.**

O invejoso não o é cada dia. Não tem inveja depois de qualquer confronto nem cada vez que pensa em seu rival. É uma característica comum a todos os estados psíquicos, a todas as emoções. São breves e desaparecem, podendo voltar em seguida, e depois várias vezes, como uma sucessão de contrações. Ou ainda, desaparecem por meses ou nunca mais retornam. A este *quantum* de inveja damos habitualmente o nome de "lesão da inveja". Esta é inveja, é confronto, descoberta da própria nulidade e da própria impotência, é raiva e agressividade contra o outro, é consciência da inveja, vergonha de experimentá-la. Pode ser uma experiência breve, talvez de poucos segundos, um piscar de olhos.

É preciso distinguir **inveja de ciúme**. O **ciúme** é a reação emocional que experimentamos quando alguém nos subtrai uma pessoa que amamos e sobre a qual, pela força do amor, pensamos ter direitos. A mulher é ciumenta da nova jovem secretária do marido porque teme que possa conquistá-lo eroticamente, que possa levá-lo embora. Ela considera o marido 'seu', acha justo, apropriado que o marido se ocupe dela, que não corra atrás de outras mulheres. Porque em seu contrato matrimonial está, explícito ou implícito, um empenho de fidelidade. Também porque seu amor é exclusivo e espera uma resposta exclusiva. Podemos experimentar ciúmes por pessoas que não nos amam, mas que nós amamos, porque contamos com a força de convencimento de nosso amor. *No ciúme podemos sempre individuar três protagonistas: aquele*

**que ama, o objeto do amor e o rival.** A expressão 'ciúme' se refere tanto ao objeto do amor quanto ao rival. Isso porque nossa agressividade pode dirigir-se tanto contra um como contra o outro.

Na inveja só vemos dois protagonistas: *O invejoso e o invejado*. Assim, os dois sentimentos são claramente diferentes, inconfundíveis. Na prática às vezes aparecem misturados. É o caso de Caim e Abel.

Habitualmente pensamos o desejo como uma tensão que tende à descarga. Se não conseguimos, experimentamos frustração e dor; se conseguimos, sentimos prazer e alegria. Na inveja, o desejo não suporta a sua tensão. Desejamos alguma coisa porque o outro já a obteve e sofremos deste nosso desejar. Lutamos contra nosso desejo.

### **Admiração e inveja**

Que relação existe entre inveja e admiração? Não é possível que a inveja seja uma admiração mascarada. O invejoso admira o invejado, queria ser como ele, estar em seu lugar.

Segundo René Girard, a inveja nasceria imediata e espontaneamente da admiração e do amor. De que forma? Quando amamos e admiramos alguém, quando nos identificamos com ele, participamos da sua vida, de suas experiências, experimentamos seus mesmos desejos. Somos muito como ele. Mas, sendo como ele, queremos as mesmas coisas que ele quer, na mesma idêntica maneira. Aprendemos nossos desejos. É um processo complexo que se desenvolve ao longo da vida. Girard crê que o processo de aprendizagem dos desejos é imediato e coincide com a identificação. Quanto mais forte a identificação, mais nos modelamos exatamente como o outro, nos tornamos um seu duplo e estamos dispostos a um confronto com ele para ter o mesmo objeto. Se o modelo de identificação está distante, não entramos em conflito com ele. Mas se este modelo de identificação está próximo, as coisas que ele deseja são as mesmas que nós desejamos, e através de seu exemplo, aprendemos a desejar. Então o confronto é inevitável e entramos em competição. Na realidade aprendemos os nossos desejos tanto através da identificação quanto através da indicação. Levamo-los dentro como aspirações, modelos ideais. Em geral quando desejamos o que o outro deseja, muitas vezes já o desejávamos antes.

Há ou não há relação entre admiração e inveja, entre identificação e inveja? Há, certamente, mas é uma relação de oposição e de exclusão. Há, contrário do que diz Girard, formas de amor e de identificação não invejosas. Vemo-lo no amor dos pais pelos filhos, no namoro, na amizade e mesmo com os chefes carismáticos. A relação com um chefe carismático é fonte de alegria e meio de elevação. O chefe é uma porta, uma estrada para superar a si mesmo e aproximar-se aos valores absolutos, à perfeição. É que existe uma energia ascensional que tende para o modelo como para uma perfeição. Esta energia corresponde, em grande medida, àquilo que os gregos chamavam *eros*. No mundo grego, o amor é um movimento que vai daquele que é inferior, o amante, para aquele que é superior, o amado. Neste universo não tem lugar para a inveja. Cada diferença desencadeia o desejo de ser como o outro, de subir para ele. A inveja não é a continuação deste movimento. É sua interrupção, sua inversão. A inveja nasce de uma catástrofe do movimento ascensional, de uma catástrofe do *eros*.

Não há razão interna que transforme a identificação adorante em rivalidade invejosa. Os rapazes podem continuar a admirar seu ídolo ou abandoná-lo por outro sem traços de inveja. A inveja pode manifestar-se fortemente nos bancos de aula para com alguém que alcança melhor resultado, o primeiro da classe, alguém que não amávamos de forma particular. O sucesso e a riqueza do herói preferido enriquecem o rapaz, o sucesso do primeiro da classe o bloqueia.

### **Inveja e conhecimento**

Quando invejamos alguém pensamos nele e nos colocamos em seu lugar, desejamos as mesmas coisas que ele deseja. O que possui, estimula em nós o mesmo desejo. Mas isso quer dizer que estamos identificados com ele? Não. A relação não é de identificação. Quando invejo a alguém não modelo os meus desejos nos dele, mas olho os meus. Observo o que ele tem e o que não tem. Não é seu estado de ânimo que me interessa, mas seus resultados, seu poder. Se

uma pessoa que invejo consegue satisfazer todos os seus desejos, os meus desejos não terminam. Continuo a desejar como antes. Se ele perder tudo, se desespera. Se eu estivesse identificado com ele eu participaria de sua dor, deixaria de invejá-lo. Mas, ao contrário, sou feliz que ele tenha perdido tudo. Por isso, a relação típica da inveja não é a identificação. Tampouco é um rompimento entre mim e o outro. Meus desejos não os aprendo dos seus. Não são os seus desejos a indicarem-me o objeto, mas os seus resultados. A inveja vem da insuportabilidade de uma diferença de ser. Eu sofro de uma carência de ser em mim, uma carência evocada pela presença.

É verdade que o invejoso tende a divinizar o objeto de sua inveja, e faz dele um ídolo. O invejoso continua a invejar mesmo quando o invejado está morto. Sofre pela admiração, o respeito, e a veneração que a comunidade tem por ele. No filme *Amadeus*, Salieri inveja Mozart mesmo depois de sua morte, porque a sua música continua a viver, a triunfar.

Na verdade, o invejoso não vê o outro; não entende seu sofrimento, suas angústias, suas lutas, desafios. Sempre vê a si mesmo; a si no lugar do outro, ter o que o outro tem, ter os reconhecimentos que o outro recebe. A inveja não é um caminho de conhecimento, não é uma colocação em comum das experiências. Ao contrário, a inveja é um obstáculo, um impedimento para o conhecimento, uma rejeição. A descoberta de uma superioridade, de um valor do outro, deveria produzir *eros*, admiração, amor, portanto, desejo de um contato mais íntimo, de participar, de saber. A inveja tem em si uma dualidade que recorda a ambigüidade do sacro: De um lado, o *fascinans*, mas do outro, o *tremendum*, o demoníaco, o satânico. Na inveja acontece a prevalência do momento negativo da ambivalência, o súbito desaparecimento do *eros*. E isso torna impossível o conhecimento.

### **A quem invejamos**

Nós aprendemos nossos desejos dos outros, a partir da primeira infância e, depois, ao longo da vida através de dois mecanismos fundamentais: a *identificação* e a *indicação*.

O mecanismo de *identificação* nós o vemos em crianças. Quando estamos diante de duas crianças e damos a uma delas um brinquedo, em geral o outro quer tirá-lo ou quer um idêntico. É o objeto nas mãos do outro que suscita o seu desejo. Coloca-se idealmente no lugar do outro e deseja ser como ele, fazer como ele, ter as coisas que ele possui.

A *indicação*: São nossos pais, nossos professores, a televisão, os outros personagens significativos que nos indicam o que tem valor, o que é importante, o que se deve desejar e o que se deve evitar. Sempre estamos diante deste processo duplo: de um lado nos é indicado o que devemos querer, do outro, o que devemos evitar.

A psicanálise se ocupou muito das metas proibidas, inibidas pela sociedade. A criança aprende desde cedo que certas coisas são boas, aprovadas e apreciadas por todos, e outras são más, ruins. Num determinado momento cessam as proibições manifestas. E somos nós que, diante da possibilidade de fazer mal às pessoas que amamos, nos colocamos limites, julgamos e freamos os nossos desejos. Se violarmos estes limites, experimentamos forte sentimento de culpa. Se a inibição destes desejos depende do controle social, somos freados pela vergonha. Não queremos que descubram que fazemos algo proibido.

Há também uma gama de desejos que renunciamos porque estão para além de nossas possibilidades. Muitas delas renunciamos com muito esforço e depois de tê-las cultivado no coração por longo tempo esperando satisfazê-las algum dia. Em geral este mundo de desejos se organiza ao redor de alguns modelos ideais só parcialmente conscientes. Temos em nós uma multidão de sonhos, esperanças, aspirações que ficam no estado potencial ou inibimos porque os consideramos irrealizáveis. “Invejamos as pessoas que nos são próximas no tempo, no espaço, na idade, na reputação” (Aristóteles).

### **Que coisa invejamos**

Invejamos as coisas que desejamos mais, os objetos mais cheios de nosso desejo. Invejamo-los quando os vemos na mão dos outros, realizados por outros, ao passo que nós somos irremedi-

avelmente impossibilitados. O senso de impotência produz em nós uma impressão de não valor. A inveja se refere tanto ao ter quanto ao ser, aos objetos como a qualidade, os possuídos como os reconhecidos.

### **O valor de si**

Cada indivíduo tem um valor, sabe que o tem e procura conservá-lo. Parte de sua própria subjetividade, de ser o centro do universo. É uma experiência que antecede qualquer reconhecimento dos outros. Mesmo quando somos humilhados não sobra mais nada a não ser defender esta centralidade de nós mesmos, mesmo que seja dolorosa.

Cada indivíduo é também uma *força* que tende a crescer, a aumentar as suas possibilidades, a expandir o que pode fazer, ser e ter. Nisso gostaria que os demais o ajudassem e estivessem à sua disposição. Queremos que nossas metas sejam 'adotadas' pelos outros. Estes "outros" constituem um sistema social com as próprias metas, valores, critérios de julgamento. Cada indivíduo se estrutura em relação a eles, e constrói uma idéia do próprio valor que é o produto tanto de seu esforço constante por afirmação, quanto das respostas positivas ou negativas dos outros.

O valor não é apenas o resultado do julgamento dos outros, mas o ponto de encontro entre a nossa *vontade de afirmação* e estes julgamentos. A **afirmação de si** constrói o seu território. É o território do eu, constituído por seus objetos de amor individuais e coletivos: a mãe, o pai, os filhos, o marido, a mulher; mas também a pátria, o partido, a cidade, o time de futebol, a congregação; até mesmo as posses materiais, a casa, a mesa de trabalho, os utensílios, os livros, o jardim; até o cão. Fazem parte do eu a empresa na qual trabalhamos, a nossa mansão, o vaso de flores sobre a mesinha. O ser sempre está entrelaçado com o ter. O eu cresce através da posse de uma obra de arte ou por ter aprendido a tocar o violão. O eu diminui através de uma ridicularização, por uma decepção no amor ou porque os ladrões nos assaltaram a casa.

O eu pode ser imaginado como um conjunto de posses ou de direitos feudais: como território com vales, montanhas, cidades, castelos, populações, com diversos e complicados direitos, benefícios, direitos de precedência, honras simbólicas continuamente diferentes diante de distintos interlocutores. Cada indivíduo procura continuamente ampliar o âmbito de suas posses entrando em delicados conflitos com os outros. É sobre estes confins, em contínua discussão e sempre mutáveis, que se estabelecem as complexas regras de convivência. Existe uma discrepância entre a extraordinária capacidade construtiva e reconstrutiva da *vontade de afirmação* e a extrema vulnerabilidade do eu em relação a seus confins. Ao mesmo tempo somos fortíssimos e também vulnerabilíssimos. Em todos os encontros, mesmo na mais simples conversa, nós nos colocamos em jogo, nos sentimos vencedores ou perdedores, sempre expostos ao perigo de uma má impressão (*brutta figura*). Colocamo-nos ao perigo do confronto. Observando os outros não podemos deixar de desejar e de confrontar-nos. É como nosso corpo: somos sensíveis a uma correnteza de ar, não suportamos uma mordida de mosquito... mas sabemos suportar com grande paciência cuidados e dores atrozes por meses, em um hospital, na esperança de curar.

A **idéia que nos fazemos de nosso valor e do valor que os outros nos atribuem são duas coluninhas de mercúrio muito sensíveis**. Fazemos de tudo para mantê-las altas, mas sempre há alguma coisa que tende a abaixá-las. E logo se nota o confronto entre nossas posses e as de algum outro. O desejo de crescer, vendo que alguém tem o que não temos, e cuja falta reduz o valor global dessas posses aos nossos olhos e aos olhos dos outros, estabelece-se o confronto. Não sempre temos consciência explícita de aumentar nossa auto-estima. A grande sensibilidade da estima de si e da auto-estima são os reveladores de um desequilíbrio de nossa relação com o ambiente. Mas, em instituições eficientes elaboramos expectativas bastante seguras, nos movemos com relativo grau de segurança.

Por isso é também importante compreender duas outras coisas: a **confiança de base** e a **estima de base**.

A **confiança de base** é o produto de nossos recursos naturais e de nossa história. A partir da primeira infância desenvolvemos uma idéia de nossos dons, da capacidade de realizar nossos objetivos, de obter o que queremos, das dificuldades que o ambiente nos oferece, dos socorros com os quais podemos contar. Este conceito não corresponde ao de auto-estima. Posso ter uma estima muito alta de minhas capacidades intelectuais, mas ser inseguro quando me proponho realizar alguma meta. A confiança de base tem a ver com a segurança ou a insegurança com a qual afrontamos a vida. Algumas pessoas conseguem manter uma confiança de base alta protegendo-se de desejos excessivos, renunciando a objetivos demasiado elevados ou arriscados. Mas pode haver problemas quando a pessoa se encontra diante de novas situações e em dificuldade de alcançar seus objetivos.

A confiança de base é essencialmente interna. A **estima de base** é um recurso que nos provém da sociedade. É o reconhecimento, o apreço habitual do qual todos precisamos para sentir-nos aceitos por nosso ambiente, para considerar-nos cidadão de pleno direito. A estima de base não depende do fato que tenhamos atingido uma posição social excelente, mas que gozemos do respeito social, da consideração do que somos e por aquilo que fazemos.

A estima de base é uma relação entre aspirações e reconhecimentos. O tipo de consideração e apreço suficiente para um é insuficiente para outro. Mas em toda sociedade se estabelecem regularidades, equilíbrios, como acontece na distribuição da renda, e por isso, a maioria das pessoas está discretamente satisfeita pela estima que recebe. Em sociedades muito competitivas a estima é tirada daqueles que não têm metas elevadas, dos que não são ambiciosos. Assim, há um desequilíbrio contínuo da estima de base. Mas também há um apreço para quem desenvolve com empenho e seriedade o seu trabalho. Uma atividade bem feita pode produzir um legítimo orgulho (confiança de base) e uma boa consideração social (estima de base). Na sociedade alemã, hierarquizada e competitiva, por exemplo, cada indivíduo é estimulado a sobressair-se em um aspecto extremamente especializado tanto na profissão quanto em seus hobbies. Em cada encontro social ele é forçado a reconhecer sua exata posição na hierarquia social, mas é reconhecido em um âmbito no qual ninguém se coloca em competição com ele. Nisso se sente confiante e estimado.

### **A Competição**

A situação típica é a esportiva na qual os atletas competem pelo primeiro lugar ou por uma taça ou medalha. Cada qual se preparou por longo tempo, e não luta somente por si, mas por seu clube, por sua cidade, seu país. Aquilo que será, seu prestígio, salário, riqueza ou pobreza dependem da competição e, às vezes, de poucos centímetros do segundo concorrente. O esporte tem o competidor fisicamente muito próximo, e não se sabe o vencedor antes do final do último minuto. O prazer do esporte depende desta incerteza. O desafio entre dois atletas desiguais não interessa muito. É mais emocionante quando a competição é entre os melhores. Durante o jogo não tem lugar para a inveja. Todo desejo se concentra na meta, bater o adversário. Depois chega o resultado. Nosso esforço fracassou e o outro venceu, e é festejado, aclamado e recebe a medalha. Para ele se abre uma profissão de triunfos, celebrações, riquezas. Nós, os perdedores, precisamos voltar para casa. Não são estas as condições mais favoráveis para a inveja? Condições semelhantes de partida, objetivo claro, a sociedade que nos força a persegui-lo em um combate regulamentado e de modo impessoal. Depois a humilhação. Existe amargura, raiva, desespero. Mas na inveja é pior. Isso porque o resultado é irreparável, a decisão do juiz é indiscutível.

Para que possa ter inveja é necessário que a revanche pareça impossível, é necessário que um dos dois, pensando no outro, entreveja somente o naufrágio das próprias possibilidades. Mas ele precisa querer manter o desejo de alcançar aquela meta. A inveja está nas regras da competição. Ela é um resíduo inesperado. E é uma pergunta: "por que ele e não eu?". Se há inveja quer dizer que mesmo diante da derrota a questão permaneceu aberta.

Em nossa vida aprendemos a não distanciar nosso olhar dos 'vizinhos', porque somente neste âmbito podemos encontrar uma ordem moral, podemos encontrar uma resposta às pergun-

tas: “se o mereceu? Eu o mereci?” Quando aparece a inveja? Quando, por qualquer motivo, em nossa vida cotidiana sucede alguma coisa que floresce desta ordem moral, que o ignora. Então aparece a pergunta: “por que ele e não eu? O que fez para merecer o que obteve? O que fiz para perder?”

Não é necessário que surja algo de concreto que viole uma norma. Se aparece uma moça bonita numa pequena cidade, e as outras a invejam, ela não fez nada. O aparecimento da inveja assinala a fragilidade, a precariedade das ordens morais. Os seres humanos tendem a identificar-se com outro ser humano, a confrontar-se com todos. Mas aprendem a renunciar para só ter desejos realizáveis e claramente inseridos num sistema de méritos e de recompensas. Isso somente observam os que são semelhantes. Mas também quando ali aparece uma diferença inexplicável ou excessiva em relação aos critérios habituais, este edifício rui e naufraga.

### **O trabalho da inveja**

Se me sinto diminuído porque fui acusado de ter feito alguma coisa de mal, sempre posso recorrer a várias alternativas: posso negar o fato, posso acusar outro por várias razões, posso pedir desculpas dizendo não ter reconhecido a pessoa. Mas se não fiz nada, se o outro não fez nada qual instrumento de defesa posso usar? É o que sucede na *inveja*. Ela começa com um *confronto* do qual saio desvalorizado, derrotado, sem nem eu nem o outro tenhamos feito alguma ação. Por isso não posso nem defender-me nem acusar. Mas, na realidade o meu dano é real, o meu sofrimento é verdadeiro. A sociedade não prevê esta situação. A sociedade, em geral, estimula uma competição onde a perda parece ser certa. O *trabalho da inveja* procura redefinir a situação e subverter a situação. A inveja aparece quando aparece o inesperado, quando alguém tem um sucesso inexplicável. Aquele que perde nisso procura reinserir o que aconteceu num sistema de méritos e de recompensas, de dar-lhe um sentido. Para que possa falar e lamentar-se e mudar a ‘realidade’ precisa seguir um trabalho mental. Um grupo de pessoas se compara logo e se estabelecem hierarquias: esta porque é mais apreciada por sua beleza, a outra porque é simpática, a outra porque é gentil e serviçal, a outra porque tem uma casa acolhedora... Mas esta hierarquia diminui a possibilidade de confronto porque cada qual tem seu valor. Quando se compara não se sente insignificante nem desprezível porque não coloca em xeque a *confiança de base* nem coloca em crise a *estima de base* que cada qual tem o direito de usufruir no grupo.

A inveja aparece cada vez que este complexo equilíbrio valorativo é colocado em discussão, ou seja, cada vez que cada sujeito se sente desafiado na sua confiança de base e na sua estima de base. Suponhamos num grupo de moças apareça uma moça belíssima. Ela atrai imediatamente os olhares dos homens e coloca em crise a posição das moças mais belas do grupo, aquelas que se sentiam seguras em sua confiança e sua estima na beleza, ou seja, tinham fundamentado sua identidade na admiração estética. Estas são forçadas a confrontar-se com os valores sobre os quais confiavam e que hierarquizara a comunidade. Não há dúvida que a beleza continua apreciada e estava a seu favor antes da chegada da outra moça. Cada vez que alguém olha para ela, as primeiras precisam confrontar-se e se sentem sem valor, pobres, mesquinhas. Desejam que ela nunca tenha chegado, que ela não exista, que desapareça. Mas ela não desaparece e continua aqui e representa um confronto obrigatório. E assim se coloca em marcha o *trabalho da inveja*.

Este trabalho da inveja tem por objetivo redefinir a situação de tal modo que o confronto seja desagradável e se instaure novo equilíbrio. E o realiza através de uma atividade dirigida para dentro e para fora. O trabalho da inveja é um repensar e um redefinir as coisas na própria mente e uma tentativa de redefini-las coletivamente, porque a chegada da “bela” mudou as relações existentes na coletividade. Estes dois aspectos – interno e externo – da inveja não podem ser claramente separados na realidade concreta. Como o trabalho da inveja tem por objetivo anular a diferença de valor do qual nos sentimos privados, de alguma forma precisa tirar o valor da pessoa que nos ameaça, deve desvalorizá-la.

**Estratégias:** A mais simples é a *negação do valor*. Em nosso exemplo, as moças tentam negar que a outra é bonita. Procuram defeitos nela, carências que permitem dizer que na realidade ela não merece a admiração que recebe: descobrem que é baixa demais, ou alta demais, demasiado magra ou demasiado gorda, que tem os seios pequenos ou grandes demais, os dentes feios... Em geral notam que isso não tem efeito, pois os outros continuam admirando-a. O mundo externo desmente esta tentativa de desvalorização.

Entra em ação a segunda estratégia: *a revisão do valor*. Discutem os critérios de beleza, reformulando-os para poder desvalorizar a intrusa. 'O que é beleza? É certo tipo de relacionamento corporal ou também é fascínio, cultura, inteligência, graça?' Na reformulação do conceito de beleza cada qual exclui as qualidades da outra e eleva ao máximo as qualidades que considera ter. Mas isso não tem efeito se cada qual fica para si seus conceitos. Por isso as moças falam entre si, discutem, e procuram nova definição de beleza. Mas isso não basta porque falta convencer os outros desta redefinição. O valor invejado tem caráter objetivo. Precisamos convencer os outros porque são eles que afirmam e garantem aquele valor.

Terceira estratégia: *a projeção de desvalores*. À pessoa invejada são atribuídas qualidades desprezíveis. "Certamente é bela, mas é estúpida, ignorante, falsa, ávida, mesquinha, ambiciosa". As moças insinuam a outras pessoas da comunidade sua visão sobre aquela moça: "... ouvimos dizer que..." Mas lêem nos olhos das pessoas que elas não crêem nisso. Este olhar dos outros as acusa. Ninguém diz a frase "Sede invejosas", mas certamente há quem a pensa. Basta que sejam tachadas de invejosas para que tenham medo. E com isso se retraem, cheias de rancor em relação aos demais que 'não entendem', e mais ainda contra a invejada. Contra ela, pois foi ela que as levou a serem humilhadas. A humilhação é uma ferida muito forte.

Com isso elas voltam a atacar e colocam em ação a *calúnia*. Com cautela e ambigüidade começam a espalhar vozes, a atribuir-lhe intenções malévolas, aventuras imorais e um passado pouco respeitável. A uma vizinha contam que alguém a viu abraçada num homem casado; a uma outra, que foi expulsa do colégio porque foi pega na cama com outra mulher; não se sabe como ganhava a vida quando mais jovem: "Dizia que era secretária, mas quem crê?"

Suponhamos que a calúnia dê pouco resultado. A comunidade fica perplexa, mas não faz nada. A invejada continua sua vida de forma sorridente. As estratégias da inveja fracassaram. Para terem tido sucesso precisavam do consenso social, e as moças não o conseguiram. Precisam descobrir outro caminho. E podem fazê-lo se conseguem abandonar o valor pelo qual lutam e ao redor do qual combatem. Até agora tentaram desvalorizar sua beleza. Agora não desejam mais a beleza e elas mesmas renunciam à beleza como valor. Isso depende muito do sujeito, de sua capacidade de modificar os próprios interesses, de tirar os olhos do velho modo de olhar o mundo, redefinindo-se a si mesmo.

É o *deslocamento do valor*. Já não se concentra mais na pessoa invejada, mas no valor que encarna e representa. Para conseguir isso, precisa fazer uma desvalorização, mas é só instrumento ao abandono. Para tal basta que a pessoa esteja convencida disso. No caso acima, uma das moças começa a dedicar-se ao esporte e o faz com esmero, procurando mudar hábitos, não pensar no passado. Evita falar demais; diz que agora a ela somente interessa o esporte, a vida simples e sadia; freqüenta pessoas que fazem esporte. No começo coloca certo empenho, mas pouco a pouco os seus novos interesses se consolidam. Aquilo que antes era voluntário, agora se torna espontâneo. Já não se confronta mais com a outra. O deslocamento do valor é uma saída para a inveja, uma cura.

Este deslocamento também pode afirmar-se através de certo proselitismo. Podemos também associar-nos a grupos que fazem uma condenação social. Na história sempre houve grupos religiosos que condenaram a beleza, a elegância, o luxo, o erotismo como abomináveis.

Podemos, portanto, falar de **quatro estratégias**, algumas mais centradas na pessoa invejada e outras sobre o valor, algumas mais facilmente elaboráveis como mecanismos de defesa subjetivos, e outras mais orientadas a produzir uma reação social. Todas estas estratégias têm como objetivo anular o efeito negativo do confronto, desvalorizando o valor ou quem o encarna. Todas as quatro, se alcançarem seu objetivo, anulam a inveja.

A inveja também desaparece se consegue uma revisão do valor ou a atribuição de desvalores: *a outra é bela, mas também é estúpida, insensível, e tem vida infame. Por que invejá-la?* Quando o trabalho da inveja tem sucesso, o sujeito se sente liberto da angústia do confronto. Em que consiste, então, a inveja *se o seu trabalho a faz terminar?* A inveja consiste no trabalho em si. As moças experimentam inveja quando oscilam entre admitir ou negar a beleza da nova moça que chegou. A inveja vive na incapacidade de escolher entre a adesão e a renúncia. A inveja é um mecanismo de defesa contra um confronto negativo para nós. Mas é um mecanismo que fracassa.

### **O proselitismo invejoso**

O invejoso sempre está à procura de cúmplices. Aproxima-se primeiro de uma pessoa, depois de outra para sondar o que pensa daquela pessoa que está visando. Estimam-na? Pensam que de fato merece? O que dizem de seu sucesso? O invejoso faz perguntas como se estivesse verdadeiramente interessado em saber como estão as coisas. Mas espera que a resposta seja negativa. Espera que digam: “Sua última produção não vale nada. Todos o sabem”. Espera que tenha uma resposta que desvalorize o outro. O trabalho da inveja não é somente uma tentativa de convencer-se a si mesmo, mas também e, sobretudo, uma tentativa de convencer os outros, de levá-los a julgar diversamente.

Voltemos ao exemplo daquela pequena comunidade na qual apareceu improvisamente a belíssima moça. As mulheres que pensavam que estavam no topo da hierarquia da beleza se sentem ameaçadas. Os homens a olham, fazem comentários, mostram que a apreciam. E desencadeia o ‘trabalho’ da inveja que consiste em colocar em discussão a sua beleza ou em encontrar outros defeitos. Todas as que se consideram prejudicadas fazem uma coalizão para encontrar um acordo e utilizam as estruturas de poder da comunidade para impor o seu ponto de vista. Tentam falar dela às mulheres nos salões de beleza, em associações, em escolas. Estas não eram invejosas, mas bastou chamar a atenção sobre ela e fazê-la uma rival potencial. Todas têm seus maridos, todas temem uma bela mulher que pode seduzi-los. O trabalho da inveja começa em insistir no fato que a nova chegada já fez suas conquistas, que seu prestígio e sua influência sobre os homens crescem perigosamente.

Em determinado momento lhe dão um nome (apelido) depreciativo e cada vez que o nomeiam trocam sorrisinhos. Os homens, curiosos, procuram saber e se colocam por dentro do que se diz e se inserem na obra de desprestígio de sua imagem. Até agora se limitavam a apreciar a ‘bela’. Nela encontram mais qualidades que defeitos. Mas, envolvidos, eles estão em jogo. Alguns começam a usar o mesmo apelido e já não retrucam àquilo que as mulheres dizem dela. Somente poucos sacodem a cabeça quando ouvem os outros falarem mal; mas não estão em condições de fazer nada.

Esta ação de desprestígio e difamação repercute na invejada. Inicialmente era segura de si, orgulhosa de sua beleza. Era gentil com todos, sorridente, serena. Depois começa a dar-se conta de que alguma coisa mudou. Tem pessoas que a olham e quando se aproximam ficam quietos ou mudam de conversa. Já não é convidada a uma festa onde vão todas, ou o convite chega tarde. Uma senhora importante lhe faz observações sobre sua roupa, demasiado provocativa. Um homem, que antes a tratava com respeito, mostra-se vulgar. E ela fica hesitante, procura aparecer menos, veste-se de forma mais comum, mais masculina. Pouco a pouco apaga sua beleza. Obedece à mensagem subliminar que a comunidade lhe impôs: desapareça.

Tem muita diferença se o proselitismo se verifica em um campo no qual não entra em jogo a beleza, mas valores mais elevados como o poder público, ou a ciência e a arte? Em *Julio César* de Shakespeare, a conjura política é ativada por um invejoso, Cássio. Pessoas como ele nunca têm paz enquanto vêem diante de si maiores do que eles. Cássio procura prosélitos em seus escritos para rebaixar César; sobretudo procura convencer Bruto. Não pode caluniá-lo, mas diminui César de forma sutil, mostrando-lhe seu lado fraco. César não é um deus nem um valo-

roso lutador, mas um homem como os outros, até mais medroso. Para tal usa fatos reais. O invejoso procura cúmplices, quer aumentar seu número, mas dentro de si considera-os como estultos, ri deles. É como se dissesse: “Mas como me credes? Como não entendeis que estou em má fé?”

No campo das letras e das artes as pessoas comuns imaginam que não há inveja porque é o mundo dos criativos, dos espíritos escolhidos. Mas é o mundo de pessoas que querem criar algo de único, de superior, de imortal. Animados por um desmedido desejo de perfeição, ao mesmo tempo são frágeis porque quem pode dizer de estar seguro de seu valor? São pessoas que querem sempre dizer *eu, eu, eu*, contudo são forçados a se confrontarem sempre com outros. Tudo o que os outros fazem é um espinho em seu coração, um motivo de tormento. Toda história da literatura e da arte está cheia de episódios de feroz rivalidade entre grandes, como Miguelangelo com Rafael que não podia suportar e nunca reconheceu nele alguma capacidade.

Todos os grupos artísticos ou profissionais tendem a crescer por proselitismo. Têm regras implícitas ou explícitas de aprendizagem para os jovens, critérios com os quais os julgam, avaliações nas quais reconhecem seu valor. Ao noviço se pede que tenha respeito pelos mais idosos, de imitar seu estilo, de participar de suas reuniões, de não esquecer as expressões de deferência e respeito. Estabelecem os temas das conversas, estabelecem o que deve ser considerado velho e superado. Se não o seguem, a corporação os rejeita. Quando a corporação é muito estruturada, muito fechada, a rejeição da intrusão externa é tão rápida, tão total, que nem se pode falar de inveja. A inveja requer, para existir, um apreço do valor que depois se nega.

### **A má fé**

A inveja está fundada na mentira e na má fé. Mentira é mentir a outro sabendo que aquilo que se quer que ele creia não é verdadeiro. Na má fé, nós mentimos ou procuramos mentir a nós mesmos. Procuramos mascarar diante de nós mesmos uma verdade desagradável, ou apresentar-nos como verdade uma mentira agradável.

O ‘trabalho’ da inveja procura demonstrar a si e aos outros que a pessoa invejada não vale tanto quanto diz. Ou que não é verdadeiro valor porque as coisas que dizem são diferentes. Ao expor os argumentos nós quase nos convencemos. Quando denunciemos o erro no qual todos caíram, nos sentimos inflamados de zelo sagrado, temos a impressão de cumprir uma obra de justiça social. Mas quando fazemos esta denúncia ou um momento depois de tê-la feito, temos a impressão de ter mentido. Convidando os outros a encarar bem a verdade e a dizê-la, estamos deveras movidos pelo desejo desinteressado do verdadeiro? Ou não forçávamos a mão na direção daquele que nos convinha?

A busca da verdade não deveria ter outra motivação que o conhecer, outro fim que a si mesma. Mas temos outro objetivo: livrar-nos da presença embaraçante de alguém, da sua beleza, da sua riqueza, da sua inteligência, de seu sucesso. Tínhamos prazer em descobrir seus limites. Não era o prazer puro do conhecer, mas o prazer impuro do ferir, do prejudicar, do ‘fazer-lhe ver’...

A má fé, portanto, não consiste em contar algo falso a nós mesmos, mas procurar de modo errado. Procurar, descobrir, colocar em evidência, recordar tudo quanto serve para determinado fim, e descuidar, não ver, ocultar o que não nos serve ou nos obstaculiza. A má fé é *má intenção*, ação prática da qual o conhecimento é mero meio, instrumento. Quando nos damos conta que nossa pesquisa, nossos pensamentos e reflexões satisfazem nossa agressividade, desvaloriza a pessoa que nos incomoda... seguimos com atenção. Quando, ao contrário, temos a impressão que nos leva a apreciá-la, a reconhecer-lhe um valor, nos sentimos mal e mudamos a direção de nossos pensamentos.

Numa pesquisa objetiva não tenho preferência para um tipo especial de resposta. Na inveja parto de uma pergunta: “É culto aquele homem?” Ao fazer-me a pergunta, já sei qual é a res-

posta que prefiro: “Não, não o é”. Se me vêm em mente razões, ou pareceres que a confirmam, fico exultante. Mas, ao contrário, se for forçado a admitir que aquela pessoa é verdadeiramente culta, fico amargurado e, no mesmo instante, começarei a percorrer outra estratégia da inveja, colocando outra pergunta: “Mas, sua cultura não é simples erudição?” E assim vou procedendo até encontrar razões para rejeitá-lo. Aos poucos vou somando provas que procurarei confirmar, sugerindo-as aos outros. Se meu proselitismo tem sucesso, encontrarei consensos aos meus raciocínios e o trabalho da inveja teve sucesso. Elimina-se o corpo estranho e desaparece a inveja.

Mas, perguntando aos outros, encontro opiniões favoráveis umas, desfavoráveis outras, o trabalho da inveja não atinge seus objetivos. Fico com meus argumentos e enfrentarei a dúvida. Tenho necessidade do consenso social. Se me falta este consenso, cedo ou tarde, o castelo de meus argumentos fica inconsistente. Experimento uma grande miséria moral, pois o outro tinha valor real. Assim, o valor do outro se impõe. Se admitir a superioridade do outro posso até pedir perdão, abraçá-lo. Mas dura pouco. Logo retomo a mim mesmo e volto a meu esquema de desfazer o outro. A inveja é tenaz e renasce continuamente do fracasso. Aquilo que o indivíduo não consegue, a coletividade consegue: Mil propagandistas em má fé produzem um povo de crentes.

### **A provocação**

Em geral se pensa que não há interação entre o invejoso e o invejado. Mas na vida concreta nem sempre é assim. O indivíduo pode expor suas qualidades e com isso provocar e ofender o outro. Há rituais da vida diária que prescrevem ser prudente quando alguma atividade foi de muito êxito. Se na sala tem um concorrente mas que não foi premiado, dizemos que foi pura sorte. Isso para não ofender seu amor próprio e sensibilidade.

Mas há os que fazem o contrário, ostentando suas conquistas e vitórias provocando reações invejosas. A narração – lenda – de José do Egito é um caso assim. José se dava conta de seu valor. Quando estava com os outros se comportava mais como um emissário do pai do que alguém no mesmo nível. Mas isso piorou no dia em que o pai lhe deu aquele manto ‘nupcial’ de sua mãe Raquel. Com este manto orgulhava-se diante dos irmãos. Os irmãos acusaram-no de várias coisas: mentiroso, enganador... Piorou ainda mais quando José lhes contou os sonhos. José queria ser amado, admirado pelos irmãos, queria que apreciassem sua superioridade. É o desejo de todos os que se sobressaem, de ver reconhecido seu valor, de sentirem-se amados por isso. Como é amado o líder, o mestre, o ator, o cantor que recebe um grande aplauso do público no final de sua apresentação. No aplauso grita: “Nós te amamos porque você é grande, porque em você se encarna o belo”. Este é o verdadeiro prêmio de quem procura o sucesso: este amor exaltante. A sociedade assume este desejo e exalta o campeão e o coloca como objeto de amor e de admiração.

Portanto, sempre há uma tácita convivência entre o vencedor e quem lhe homenageia pela vitória. O invejoso é aquele que rejeita, que diz “não”, que resiste à pressão, à ‘provocação’ das pessoas e do vencedor. Ele sabe que o vencedor também espera o seu aplauso. Estes mecanismos estão difundidos nas famílias. Casos de anorexia e psicose têm alguma relação com isso. Se alguém é admirado, o outro – invejoso – fica com raiva por isso. Quem se apresenta imagina uma série de comentários positivos. Mas a ostentação nem sempre tem como meta obter o amor e a admiração. Algumas vezes quer humilhar, constranger o outro.

Plutarco distingue *inveja* e *ódio*. O ódio se origina da impressão que a pessoa odiada seja má ou que nos queria fazer mal; a inveja experimenta-se somente nos confrontos de quem parece favorecido. O ódio pode ser motivado, justificado, ao passo que a inveja não é nunca justa. Odeiam-se aqueles que crescem em maldade, mas se inveja principalmente aqueles que parecem progredir em virtude. O objetivo profundo do ódio é fazer realmente mal; os invejosos querem somente que o indivíduo deixe de fazer-lhe sombra.

Mas, se teoricamente se distinguem bem ódio e inveja... na prática não é assim. Os irmãos de José decidem matá-lo. As pessoas que têm sucesso e poder pensam que o mereceram e se encolerizam em relação aos que não se submetem. Os poderosos, os ricos, os vencedores... no decorrer da história sempre exerceram esta pressão sobre os mais pobres, sobre os vencidos, sobre os inferiores. Aqueles que experimentam inveja muitas vezes transformam em ódio impotente tudo isso e no desejo de vingança. Nietzsche chamou isso de *ressentimento*. A pessoa com ressentimento não admira o superior, queria estar em seu lugar para vingar-se. O ressentimento pode ser um fato individual. Um irmão menor pode senti-lo em relação a um irmão maior que manda em casa, que o oprime. Mas se torna particularmente importante e interessante quando é coletivo, como nas relações entre povos, classes sociais.

## O reconhecimento

As relações entre o invejoso e o invejado não é uma relação de ódio. O outro não é um inimigo bem identificado que desejo ver destruído de todos os jeitos. Não é alguém do qual quero vingar-me e fazer sofrer. Não é alguém em relação ao qual experimento repugnância nem me dá medo. O objeto de minha inveja, mesmo que o desejo ver morto, me fascina, me atrai. Se vier a meu encontro e me estende as mãos, me convida para ir à sua casa, me pede caminhar a seu lado em público, me elogia, se reconhece meu valor diante de todos, então, improvisamente, a minha inveja desaparece e fico invadido por um caloroso sentimento de plenitude. Fundem-se juntos o estupor, o reconhecimento, a alegria de ter recebido justiça e o orgulho do sucesso, da vitória. Ele representava a negação de meu valor, me refutava, e escolheu a mim para rejeitar. Ele era o vencedor da vida e eu o perdedor; ele o aclamado e eu o caçoado. Agora ele me toma no mesmo nível!

Descobrimos, assim, que um dos sentimentos mais fortes que liga o invejoso ao invejado é a necessidade grande e frustrada de reconhecimento. Por detrás do ruminar obsessivo do invejoso tem esta vontade de contato, de resposta, esta muda, não expressa, solicitação de amizade. Porque aquilo que o invejoso pede ao invejado é a estima verdadeira, profunda, sincera que o amigo dá ao amigo. Cada um de nós tem um valor, algum mérito. A vida é dura, difícil, cheia de dores. Para enfrentá-la precisamos enfrentar provas duras, tivemos que ser corajosos. Todos nos temos esforçado, e em geral com sinceridade. Fomos enganados, traídos, ofendidos. Não fomos recompensados como havíamos esperado, como havíamos merecido. Somente o amigo nos conhece, nos entende e é por isso que nos faz justiça.

Se este é o desejo profundo então podemos captar em sentimento, o rancor de uma estima não correspondida, a ilusão de uma esperança perdida, a amargura de uma injustiça não reparada, a injustiça que cada ser humano recebe da dureza do mundo, a injustiça existencial. Por isso só pode ser recuperada por uma outra coisa. Esta pode ser a clemência e a misericórdia, ou o *ágape*, a compaixão. De alguma forma é o reconhecimento de alguém que lhe vê por dentro, como se fosse o próprio olhar. Um olhar que procura o bem e que nos ajuda a encontrar em nós, pelo menos um mínimo de valor. É o olhar do amigo. O invejoso, portanto, tem seus momentos de proximidade, aspira a amizade de quem inveja e é feliz se alguém lhe estende a mão, se lhe é dado algum reconhecimento. Mas, muitas vezes, este processo termina transformando-se em uma inveja ainda mais forte e em gestos de violência e maldade.

A inveja aumenta com a proximidade. Quando o outro o chama, o convida para sua casa, à sua mesa, quando faz sentar-se ao lado nas festas, o faz participar de sua grandeza, de seus aplausos, o invejoso esquece a diferença. Sente-se como ele, é feliz, sente reconhecido seu valor. Mas depois esta intimidade termina. Terminada a festa, saudados os convidados, cada qual retorna a ser a si mesmo, na sua posição social. No dia seguinte constata que a distância não se anulou. O reconhecimento dado fica na lembrança. O outro retoma sua vida habitual, gloriosa, triunfante e ele deseja mais fortemente. Enquanto o outro estava longe, evitava pensar: "longe dos olhos, longe do coração". Mas a experiência em comum, de ter estado próximo, isso reacende a inveja e a torna feroz. Claro, o invejoso deseja aproximar-se do invejado, dese-

ja sua amizade e reconhecimento. Mas deseja mais. Deseja estar sempre com ele, a seu lado e, depois, como ele, em seu lugar, identificar-se com ele, substituí-lo. Como não consegue, não tem paz. A inveja produz um moto de identificação, mas voraz, insaciável, quereria ir até a assimilação e não pára enquanto não alcançou o objetivo. A inveja se torna distanciamento, rejeição só porque não consegue devorar o outro, digeri-lo. A aproximação é como jogar gasolina no fogo, e a inveja pega fogo e se torna maligna.

É preciso ter medo do invejoso que se aproxima demasiado, do invejoso que tratamos amigavelmente, de forma fraterna, que acolhemos em casa porque, sem querer, atizamos em seu coração ferozes impulsos de ódio. Facilmente ficamos impressionados pelo prazer que demonstra, por seu olhar de reconhecimento. Mas não conseguimos ver as feridas que a nossa existência lhe provoca exatamente com sua proximidade. Em geral aqueles que estão próximos a grandes personagens falam mal deles. Não é possível amizade entre pessoas desiguais e que se confrontam. A amizade só é possível entre iguais ou entre desiguais que não se comparam. No caso da amizade, cada qual precisa ter a sua fonte de valor em si, uma fonte que o outro lhe reconheça e que não procure capturar. Da aproximação da inveja e dos sentimentos bons que produz não nasce o verdadeiro encontro de amizade. É muito difícil que a amizade surja da inveja. Mas a amizade pode surgir mais facilmente do ciúme. Aproximando-se da pessoa que é a ameaça para aproximar-se daquela que quer bem, pode aproximar-se daquela que de fato deseja. E assim se estabelece uma amizade entre esta pessoa e a que era ameaça ao objeto de ciúme.

A passagem do ciúme à amizade é possível porque o ciúme tem um objetivo bem preciso: conservar o seu objeto de amor. Na competição erótica, o único freio pode ser de tipo moral. O ciúme, portanto, procura suscitar a amizade, que é o mais moral dos sentimentos.

O simples esquecimento do benefício recebido é o irreconhecimento. Na *ingratidão* quem recebeu o benefício se enche de raiva impotente. Mas donde este rancor? Por que aquele que foi ajudado é contra aquele que o ajudou? A causa mais freqüente é a inveja. Um benfeitor distante, que se limita a mandar ajudas sem nunca se fazer ver não suscita problemas e é sempre bem-vindo. Os problemas surgem quando o benfeitor é um como nós, um amigo, um que nos chama a ir com ele, que nos ajuda, nos guia, que age como se fosse um irmão ou uma irmã de mais idade, mesmo não sendo. Assim, por exemplo, uma moça que vem dum lugar para um centro maior e tem sucesso por ser inteligente, arruma bom emprego... Ela traz consigo uma colega que tem menos condições. A ela a primeira ajuda, aloja-a em sua casa. Mas com o tempo ela vê que a primeira tem mais sucesso na universidade, mais apreciada em seu trabalho e mais admirada pelos homens. A inveja a atormentava porque também sabia que devia a ela tudo o que tinha. Começou a evitá-la, procurar outras companhias e a falar mal dela. Culpava-se de tudo o que lhe dava errado. Projetava nela a inveja que tinha como criança de uma de suas irmãs mais velhas.

Todas as pessoas generosas, em sua vida, experimentaram numerosas situações de inveja. O mecanismo que faz desencadear a inveja e a ingratidão é a proximidade e o confronto. Se a pessoa generosa tivesse deixado a outra pessoa na sua miséria, teria permanecido a seus olhos um personagem mítico, de admiração. Ajudando-o, aproximando-o desencadeou a inveja e uma raiva por ter que reconhecer.

### **Inveja e justiça**

Schoeck faz derivar o sentido da justiça da inveja. A inveja nasce de uma desigualdade. É a reação imediata e universal ao fato que alguém tem alguma coisa que eu não tenho, ou vale mais que eu. Nas sociedades primitivas não há diferenças de classe. Todos são pobres. Mas um caçador que caça mais é olhado com desejos ardentes. Isso leva-o a partilhar sua caça com os membros da comunidade. Às vezes ele nem experimenta nenhum pedaço do que caçou. Todos têm pouco e se alguém tem algo mais logo é notado. Todos querem tudo e o resultado é um temor recíproco.

Não é somente a comida que é objeto de desejo invejoso, mas qualquer outro bem, qualquer outra diferença. Também nas sociedades primitivas há quem é mais belo, mais veloz, mais hábil na pesca, quem canta melhor ou é superior aos outros na dança. Todas estas habilidades se transformam em objeto de admiração e de desejo. Quem não a tem desejará tê-lo, sente-se frustrado, diminuído. Disso decorre, segundo Schoeck, a tendência universal de reduzir as diferenças prescrevendo, como deveres sociais, como ideal, a igualdade. Para fugir da inveja a sociedade proíbe as diferenças, condena-as, e assim fazendo, continua sugerindo a inveja e se faz guiar por ela.

Também para Freud a justiça se identifica com a igualdade e desencadeia do desejo invejoso. O modelo que ele propõe: todos os irmãos estão identificados com o pai e desejam ser amados de forma privilegiada e por ele. Nenhum suporta que o outro tenha alguma coisa a mais. Pesquisam-se mutuamente levados pela inveja. Esta inveja é tanto mais feroz e radical quando são mais semelhantes, equivalentes; nenhum pode justificar uma superioridade. Todos precisam ter a mesma medida. É justo que nenhum se sobressaia aos outros.

Este modo de pensar identifica a justiça com a igualdade. Não considera as diferenças. Mas elas existem e são produto da natureza, ao passo que a tarefa da sociedade, a passagem da natureza à cultura, consiste em anulá-las. As sociedades primitivas e as antigas vivem continuamente sob o pesadelo de ver desaparecerem as diferenças, de afundar na indiferenciação total onde o pai não se distingue do filho, os irmãos entre si, os membros de uma família dos de outra. Nesta situação, quando todos são iguais, todos se identificam um com o outro, então, todos desejam as mesmas coisas. Decorre uma inveja e um conflito universal e a sociedade é 'assaltada' por uma violência incontrolável. Estas sociedades têm medo de tudo quanto recorde ou simboliza o desaparecimento das desigualdades, como por exemplo, o nascimento de gêmeos univitelinos. Em muitas sociedades são mortos e em outras, submetidos a rigorosos tabus. Em muitos mitos os gêmeos se confrontam em uma luta moral, como o da fundação de Roma, na qual Rômulo mata Remo.

Outro símbolo da não-diferença é o incesto. Porque anula a separação entre pai e filho, entre irmão e esposa. A regra da isogamia tem por objetivo criar uma diferença. Já entre os animais há mecanismos para reduzir a agressividade através da diferença. O mais simples é criar uma hierarquia. Nas sociedades humanas o problema é resolvido instaurando um complexo sistema de diferenciações culturais entre famílias, clãs e tribos, com rigorosas prescrições e tabus alimentares e matrimoniais. Elas reduzem a exposição invejosa. As regras estabelecem, sustentam e justificam um sistema de igualdade e desigualdade.

Na antiga Roma cada família tinha suas próprias divindades que asseguravam a identidade e a diferença. A cada deus grego também eram atribuídas capacidades específicas. Quando começa o mérito pessoal, entram regras rigorosas de competição. O mundo grego convidava à competição em todos os campos: esportivo, artístico, político, intelectual.

As regras de justiça são muito diferentes nas diversas sociedades. Alguns prescreviam que os pais deveriam se comportar de forma igual com todos os filhos: masculino e feminino, mais velho e mais novo. Isso tendemos fazer hoje. Até pouco tempo atrás se considerava que os filhos tinham mais valor do que as filhas, e com mais direitos: melhor vestidos, melhor alimentados, podiam estudar mais. Outras vezes havia a questão da primogenitura na qual o título e o patrimônio passavam ao primeiro filho do sexo masculino. No âmbito da ideologia marxista todas as diferenças de classe são resultado da exploração, e por isso quem tem mais é visto como injustiça.

Qual relação existe entre a inveja e o senso de justiça? A tese de Schoeck e Freud não são a mesma coisa, que o senso de justiça é o produto da inveja. A injustiça se contrapõe ao desejo imediato. Requer outros critérios além da igualdade. Reconhece superioridades, áreas proibidas... Admite sacralidades reconhecidas, prioridades, aceita méritos, necessidades que se deve levar em consideração. A justiça sempre se coloca em termos de problema, de reflexão, de ponderação. No centro da experiência da justiça há um sair da própria subjetividade, do próprio desejo imediato. O trabalho da inveja se exercita ao redor do que é justo e do que é injusto.

to. Procura encontrar a justiça no próprio desejo, de tornar o próprio desejo justo também aos olhos dos outros. Mas é inveja exatamente porque não consegue.

### **O sentido de justiça.**

Há um sentimento que é muito parecido com a inveja, mas não é inveja. Aproxima-se mais com decepção, à saudade, à tristeza. Pensamos nos outros quando lhes foi feita justiça, ao passo que a nós não foi feita. Trata-se de uma pena, de uma piedade que surge observando um abismo insuperável que nossa virtude poderá superar. Sentimo-lo em relação a nós mesmos, mas é análogo ao que sentimos por outros na mesma situação. Não é autocomiseração. Não é rancor nem acusação, mas uma experiência dolorosa de iniquidade. É sentido pelo menino pobre, inteligente, capaz que não pôde estudar quando olha seus coetâneos que freqüentam uma universidade. É o sentimento de um migrante que vai para uma grande cidade e observa o bem-estar, o desperdício, a indiferença das pessoas ricas que o circundam. Ele deixou seus irmãozinhos com fome, enfrentou a separação, a viagem, a solidão. Sua vida é só humilhação e trabalho.

É a tristeza que sentimos quando fizemos alguma coisa de belo e de grande, mas todos o ignoram. A pessoa se dá conta que há milhares de pessoas cujo trabalho é apreciado e elogiado, mesmo sendo medíocre. Para eles há justiça, não para nós. São experiências tristes que nascem do confronto, sem que haja uma indisposição em relação aos outros, ou rancor, ou desejo que eles não possuam o que têm. Unicamente se trata da dolorosa constatação de algo errado que ninguém nota, e que nasce da falta de aplicação das regras iguais para todos os seres humanos, regras universais, regras de justiça.

Este sentimento amargo é um sentimento de injustiça. Não é inveja. O invejoso apela à justiça, procura demonstrar a si mesmo e aos outros que ele era o que merecia ao passo que o outro não. O invejoso lamenta a injustiça, mas deseja o privilégio.

Por exemplo: se sou eu a pessoa mais respeitada sobre certo tema no lugar onde atuo. De repente aparece outro mais jovem e é logo preferido pelas pessoas, especialmente pelas pessoas de maior reputação. Ele enriquece rapidamente. Comparo sua felicidade com a minha miséria. Sinto raiva dele, contra sua sorte. Por que Deus lhe deu tantas oportunidades de tal modo que agora seja mais prestigiado? E passo a afirmar que a vida e a sociedade são injustas. Mas em base a quê? Se reclamo, os outros viram as costas para mim. Quando estava na crista da onda não me lamentava, não afirmava que o mundo é injusto e a sociedade cheia de 'estúpidos'; aceitava as regras do jogo e usufruía do meu valor. Agora mudei de opinião somente porque mudei de posição.

Nós nos convencemos facilmente que aquilo que somos e o que alcançamos é produto de nosso mérito, é de acordo com a justiça. Um aluno que tem boas notas é elogiado dizendo-lhe que as mereceu. Ele também não se interroga sobre os critérios de julgamento adotados por seus professores. Considera-os normais, universais, indiscutíveis.

Mas estes critérios não são universais. Na escola se dá muita importância à repetição mnemônica, e o aluno faz isso porque tem forte tendência à obediência, ao conformismo, ao respeito. Mas quem tem espírito crítico e curiosidade nesta mesma escola é penalizado. Se vier outro diretor, mudam os métodos didáticos e se se der mais importância à criatividade e menos à aprendizagem passiva, então nosso aluno estará mal, terá a impressão de não ser compreendido pelos professores e verá crescer a estrela de quem é inovativo. Enquanto não entendeu que mudaram os critérios, parecer-lhe-á que os comportamentos dos professores são absurdos e intencionalmente agressivos. Depois poderá fazer uma escolha: ficar fiel ao primeiro, autoritário e mnemônico, ou convencer-se que o segundo é melhor. Se insistir no valor do primeiro, estamos diante de um sentimento de injustiça ou de inveja.

O sentimento de justiça implica a adesão sincera a um sistema de valores objetivo, válido para todos. Na inveja existe condescendência em relação a nós mesmos, privilegiando-nos em relação à objetividade. A inveja é sempre trabalho a nosso favor, daquilo que fomos, daquilo que

queremos obter. O invejoso tende a olhar as coisas somente do seu habitual ponto de vista. Quando experimento verdadeiro sentimento de injustiça estou disposto a colocar-me no lugar do outro. Na inveja não estamos tão seguros de nossas boas razões. A busca da justiça, a tentativa de convencer a si mesmo e aos outros de ser vítima da injustiça faz parte do trabalho da inveja, que se preocupa somente de eliminar o confronto, de deslocá-lo a seu favor.

### **Força conservadora ou revolucionária?**

#### *1) A inveja e movimentos.*

Muitos tentaram encontrar na inveja uma função social, atribuindo-lhe um papel importante na história e no desenvolvimento da civilização. Alguns a colocaram na base da idéia da igualdade e da justiça. Mas não é assim. O senso de justiça tem uma origem independente. É preciso também ver a tese de que a inveja seria uma força revolucionária. Segundo Schoeck, a inveja se move de baixo para o alto; é o olhar de ódio que o inferior experimenta em relação ao superior, o pobre em relação ao rico. É um desejo impotente, sempre pronto a explodir quando há circunstâncias adequadas, quando há ocasião. É a força que ameaça cada sociedade estratificada e hierarquizada, porque odeia a diferença e a superioridade, e não tem paz até que as tenha destruído. Os homens se submetem à autoridade, mas a detestam; submetem-se à hierarquia, mas a combatem; submetem-se ao poder, mas se lhe opõem. Se o aceitam, se obedecem, é só porque foram derrotados, forçados à impotência do medo.

A este medo impotente, a este desejo permeado de raiva, a este rastejar-se por terra como serpentes que esperam o momento de morder, Nietzsche chama *ressentimento*. Há uma inveja exasperada da humilhação, massacrado pela injustiça. Para Marx a história sempre foi luta de classe. Os ricos, os belos, os potentes, os felizes, os aristocratas admirados por Nietzsche conseguiram aproveitar-se dos outros, tirando-lhes o fruto de seu trabalho, a transformá-lo em meios de produção para ter mais benefícios. O confronto faz renascer o desejo e a luta recomeça. Basta que o poder da classe dominante se enfraqueça para que a classe oprimida se revolte. A idéia que haja um rio de inveja subterrânea que mina a sociedade e que explode de tempos em tempos não se sustenta.

A inveja individual não é uma força revolucionária, mas conservadora. O verdadeiro invejoso tende a conservar seu privilégio ou a adquirir um novo. Um milhão de invejosos não modificam a situação. Cada um olha seu vizinho, e este a seu vizinho, em uma cadeia sem fim. Todos contestam os critérios de justiça, não porque têm melhores, mas porque pensam tirar algum proveito pessoal. Os invejosos não são um exército em marcha na direção de uma meta, mas inquietos que se enganam mutuamente, que se insultam para diminuir seu sofrimento. A inveja é o rosto negativo do desejo. Ela é o grande mecanismo que freia. Na pirâmide social, cada nível tenta entreter os seus para evitar que saiam ao nível seguinte. A inveja tende a ser um mecanismo de inércia. Ela constitui a resistência de fundo, biológica, primordial que os indivíduos, em cada sociedade, opõem a qualquer um que procura colocar-se acima dos outros.

Todo mundo se aperta no outro para afirmar-se, para viver, para difundir os próprios gens ou, no caso dos homens, a sua influência, suas idéias. Cada um que procura sobressair, há os outros que obstaculizam, seguram e aprisionam.

Este processo existe antes de se tornar consciente. Para que se possa pensar que a inveja está na base da revolução é importante acontecer uma metamorfose, feita pelos *movimentos*. Os movimentos, habitualmente, surgem como conseqüência de um processo de desenvolvimento econômico que fez emergir novas formas de riqueza e de poder. Na revolução industrial, um proletariado, uma pequena e uma grande burguesia são inseridas entre os agricultores e os nobres. Assim, a sociedade se torna mais dinâmica porque aumentam os desejos, as esperanças, as aspirações de todos. É a *revolução das expectativas crescentes*.

Dinamismo social e inveja crescem juntos. Grande número de pessoas começa a querer mais, a confrontar-se com quem é mais rico e poderoso. Pergunta-se também se a ordem social é justa, se os privilégios consolidados são verdadeiramente legítimos. Estas lamentações en-

quanto são individuais são impotentes. O movimento, através de uma experiência particular, o *estado nascente*, coloca em discussão a ordem existente. Coloca-se a pergunta: *Por que as coisas são como são, por que as relações sociais são estas e não outras?* Assim, treme na base o fundamento de legitimidade das diferenças existentes. Cria-se um *nós* que escuta a aspiração de justiça e de igualdade. Em seu interior constitui-se uma extraordinária experiência de fraternidade e um grande desejo de igualdade.

O movimento, além disso, cria outra polaridade, distingue claramente entre *nós* e *eles*, entre *amigos* e *inimigos*. Aqueles que participam do movimento constituem um campo de solidariedade. As diferenças perdem importância, todos se ajudam; desaparece a competição recíproca e a inveja. A agressividade é orientada contra o adversário. O sentimento de justiça unilateral é o *ideológico*. O movimento, com sua elaboração ideológica faz aparecer sentimentos típicos dos estados revolucionários. As ideologias invejosas utilizam a energia desejosa que nasce do confronto com o outro e a agressividade da frustração que estão na base da inveja, para produzir ódio em relação ao inimigo. Mas estes sentimentos já não são inveja. A inveja é uma luta consigo e com os outros. O invejoso é também alguém que duvida. O militante fanático não tem dúvidas, combate por uma causa que ele acha justa.

## 2) Ressentimento e inveja coletiva

Também o *ressentimento* do qual fala Nietzsche e Max Scheler, ou seja, a amálgama de inveja, ódio e desejo de vingança tem uma natureza coletiva. O erro de Nietzsche e de Max Scheler foi pensar que ressentimento venha antes do movimento, antes da coletividade; o erro de Marx é pensar que o ódio de classe venha antes da classe, antes dos movimentos dos quais emerge a consciência de classe, o sentido de pertença e a identificação da classe adversária. Mas, uma vez que de um lado estamos *nós* e do outro *eles*, a inveja, o ódio e o desejo de vingança encontram um objeto comum. Os pobres, os miseráveis, os oprimidos, podem olhar com ódio os ricos, os felizes, os potentes. Podem desejar sua ruína tanto pessoal quanto coletiva. Isto é típico do ressentimento, como o ódio de classe ou racial.

O ódio pelo coletivo não é uma soma dos ódios individuais. Ambos nascem de uma elaboração que produz, simultaneamente, os dois objetos. O ressentimento é uma característica amplamente difundida hoje em todos os povos do Terceiro Mundo. Onde houve fases de ocidentalização seguidas de movimentos nativos de reação, tentativas de expulsar os valores ocidentais, depois houve novos períodos de aproximação. Este processo de aculturação e de rejeição, de admiração e de desvalorização, de atração e de ódio não leva só ao ressentimento, mas também à *inveja coletiva* caracterizada por uma maior ambivalência, uma mais forte admiração, uma experiência subjetiva de má fé.

A inveja coletiva e o ressentimento são semelhantes, mas não se pode confundi-los. O ressentimento é um estado de ódio, de rancor, de desejo de vingança crônico. Um estado mental permanente, o prolongado desejo de apropriar-se dos bens dos outros e de arrancá-los de suas mãos, de ver sofrer o inimigo. No ressentimento não tem a dúvida, o desejo espasmódico de ser como o outro, a disposição de trair que tem na inveja. O ressentimento é mais ideológico, mais seguro de si, mais firmemente fanático. A inveja coletiva está centrada no indivíduo, mais cheia de ambição pessoal, mais pronta para trair, a mudar de partido.

## O mito da igualdade

Há duas raízes opostas da idéia de igualdade e da concepção da justiça como igualdade absoluta. Uma nasce do amor, a outra da inveja e do ódio. No *estado nascente* de um movimento, como o cristianismo das origens, nos franciscanos, nos primeiros maçons, nos primeiros anarquistas, nos pietistas, nos quackers, na origem das ordens monásticas do oriente e do ocidente. Em síntese, a tudo o que é reunir-se espontâneo de pessoas iluminadas por uma fé, de uma inspiração, que desejam criar um mundo de amor, de fraternidade, de bondade e se munem com ânimo ardente e com pureza de coração. Chamam-se entre si de irmãos, amigos, companheiros, porque são identificados um com o outro e todos juntos olham para um ideal que os

transcende, a uma meta que vale infinitamente mais que eles. Estabelece-se uma espécie de comunismo espontâneo. Nesta situação se realiza a regra fundamental segundo a qual cada um dá na base de suas capacidades e recebe segundo suas necessidades. Para que isso seja possível, para que possam encontrar procura e oferta, é necessário que cada um auto-limite suas necessidades e suas exigências; que não procure o máximo, mas o mínimo, que não olhe aos outros para desejar-lhe por sua vez, que não experimente inveja.

No *estado nascente* não há hierarquias de prestígio e de poder. Ninguém pode dizer: “*eu mereço mais porque fiz mais, porque sou mais que vocês*”. Nesta indiferença aos méritos passados há uma ‘loucura’ e uma sublime sabedoria. No estado nascente cada novo que vem é acolhido fraternalmente, não importa quê coisa tenha sido tempos atrás. Cada qual que vem abandona seu status precedente, os direitos que lhe derivavam de seu lugar no status social. Realizam-se as condições previstas por Rawls para a justiça: cada um estabelece os critérios de justiça não conhecendo qual é sua posição. Isso porque na realidade não tem posição social.

O estado nascente nos mostra que nossos ideais mais elevados de justiça têm sua origem numa situação na qual ninguém pretende superar os outros, mas se dedica ao esquecimento de si e com a alegria de doar.

Este tipo de comunismo – alguns pensam – existe também na família. Mas não é assim. Na família há sempre hierarquias, regras de precedência, um complicado sistema de méritos e de recompensas. Os irmãos são invejosos um do outro e se controlam mutuamente para que nenhum obtenha mais. A família é uma *instituição* da vida quotidiana, onde os recursos são divididos com uma rigorosa contabilidade dos direitos e dos deveres. O estado nascente é uma morte e um renascimento. Quem entra é homem novo, renascido, sem status nem história. Isso é simbolizado pela renúncia aos próprios títulos e ao próprio sobrenome. As pessoas se dão o *tu*, chamam com o nome de batismo, e muitas vezes com um sobrenome ou nome de ‘batalha’.

Psicanalistas e sociólogos de inspiração psicanalítica se enganaram pensando que o grupo no estado nascente seja uma espécie de regressão à família ou à infância. É algo novo. É uma criação *ex nihilo*, a origem, a gênese das formações sociais dotadas de solidariedade. As seitas, as igrejas, os partidos podem nascer porque a antiga ordem com suas regras se dissolve e o indivíduo, renascendo, renuncia a si mesmo, à rancorosa competição com os vizinhos, não se preocupa com o que houve ou daquilo que deu, não tem medo de admirar quem corre mais adiante dele, ao contrário, segue-o contente. Estas formações podem emergir porque através da igualdade e do comunismo desaparece a inveja.

Do lado oposto se encontram as situações sociais nas quais as pessoas procuram entreter os outros através do controle invejoso. Em vez de esquecer suas necessidades para dedicar-se à coletividade, olha rancorosa e ansiosamente para o que o vizinho obteve e procura freá-lo, segurá-lo. É a patética tentativa de encontrar igualdade através da inveja. Não um impulso de todos para o alto, mas uma mesquinha preocupação que o companheiro não tenha mais do que ele. Esta tentativa penosa e inútil de obter a igualdade através da inveja em geral aparece logo que o movimento se enrijece em instituição, quando se impõem regras, disciplinas, controles, contabilidade dos méritos e das recompensas. Isso já aconteceu muitas vezes na história. A comunidade utópica, de uma vida de ímpeto e de emoção, se fecha em si mesma. Em vez de olhar para fora, para o futuro, seus membros se bloqueiam mutuamente e procuram conservar os valores originais multiplicando as proibições. Na tentativa de permanecer iguais, se observam avidamente e frustram toda tentativa de diversidade. Muitas dessas comunidades terminam em assemelhar-se a sociedades primitivas ou a grandes famílias patriarcais autoritárias: tenebrosas, obsessivas, despóticas.

Foram os grandes movimentos religiosos e políticos que produziram o ideal da igualdade. E o conseguiram porque realizaram-na em seu interior como experiência concreta, vivida, em seu estado nascente, rompendo as barreiras entre castas, classes, povos... descobrindo, com a

imediatez intuitiva do amor, que os homens têm todos a mesma dignidade, o mesmo valor, os mesmos direitos. Foram as grandes religiões tradicionais como o hebraísmo, o cristianismo, o Islamismo que difundiram a idéia que os seres humanos, todos os seres humanos, são filhos do mesmo Deus e, portanto, têm direitos iguais ante Ele. Mas isso não como confronto invejoso, ainda que quente, na fornalha ardente da vida em comum, na fé, na prática do altruísmo, do amor.

Depois estas religiões produziram instituições esclerosadas, hierarquizadas, animadas por sentimentos de antagonismo e de inveja. Cada processo de institucionalização é sempre um enrijecimento. Pode tomar um caminho errado, tirânico, despótico, monstruoso. Cada instituição vive e conserva os valores originários somente se se renova, se vem irrigada e regenerada periodicamente pelos movimentos, se é guiada pela racionalidade. Quem imaginou que os ideais de igualdade e de fraternidade pudessem nascer da inveja, confundiu, de forma inadmissível, o movimento caloroso, fluido, criativo da sociedade e o seu momento frio, a sua solidificação. A inveja pertence à rigidez, à imobilidade, à extinção do entusiasmo e do amor.

### **Sociedades antigas e sociedades modernas**

As sociedades antigas são mais invejosas do que as modernas? Provavelmente que sim. A imagem de uma sociedade primitiva e de um mundo rural formados por comunidades harmônicas e serenas é totalmente priva de fundamento. Os pensadores que, como Rousseau ou Durkheim, sustentaram esta tese estão superados. A inveja desencadeia pela observação do vizinho, do confronto com ele. Em sua forma primordial é inveja da comida, desejo de apossar-se quando outro come. Também em nossas famílias rurais quando cozinhavam alguma coisa especial, mandavam em dom aos vizinhos um prato para que não experimentassem inveja.

A literatura antropológica é riquíssima de exemplos da inveja no mundo primitivo e das suas manifestações em forma de mau-olhar ou bruxaria. Os indivíduos têm medo de ter algo que os outros têm, pois sabem que desencadeia o ódio invejoso. Todos ficam paralisados e evitam inovações. Uma primeira quebra desta 'uniformidade' começa quando, graças às sobras da agricultura, se diferencia uma casta sacerdotal e uma aristocrática. Estes se protegem da inveja das massas criando entre si e os outros uma distância sacra, ritual. As grandes sociedades fluviais – Egito e Mesopotâmia – surgem assim, com reis divinizados e um clero com o monopólio do saber. Mas distinções análogas aparecem em todos os grandes impérios do passado, do chinês ao incaico.

Na Grécia é um pouco diferente: não grandes impérios, mas pequenas cidades-estado. Nelas a inveja é bem mais difundida e se traduz inclusive em lutas entre classes sociais, produzindo as primeiras ideologias igualitárias. Mas é controlada por objetivos inovativos mediante uma extraordinária elaboração cultural que a coloca na *competição* individual. A Grécia era uma sociedade de artesãos e de mercadores que concorriam entre si e com outros no mercado. Mas a competição ia bem mais longe. Pensemos na importância das competições esportivas que culminavam na Olimpíada. O mesmo acontecia com a filosofia, onde o sábio não podia fechar-se em seu segredo. Devia descer ao ágora, expor sua tese e fazer demonstração. Todos podiam escutar, todos podiam julgar utilizando sua razão. Idêntico processo era a política. O demagogo devia fazer as suas propostas em público, pedir o voto e, depois, prestar contas de seu trabalho. Dali surgiu a *Arete*, a excelência, que depende do mérito pessoal. Fora disso está a zona obscura, incompreensível, o terreno do destino, a *moira*, a quota, a porção. Todas as coisas boas ou más da vida são distribuídas entre os seres humanos, entre todos os seres vivos, de modo desigual e não há razão ética para esta desigualdade. Diante desta divindade *moira* até os deuses são impotentes, inclusive Zeus.

O modelo grego entra em crise com a formação dos reinos helenísticos. Criam-se grandes Estados nos quais voltam a afirmarem-se as aristocracias hereditárias e as monarquias divinizadas. Depois estes reinos são absorvidos por Roma em um único império universal. Durante toda época helenística as pessoas tendem a se reunir em pequenas comunidades, voluntaria-

mente, deixando fora os sentimentos selvagens, a animosidade, o ódio, a inveja. É o que prescrevem os estóicos e os epicureus, é o que pedem as religiões da salvação. Já não há mais mecanismo social geral, universal que se refere a todos. A sociedade é abandonada às forças do mal. Salva-se uma ilha, um grupo formado por pessoas que procura edificar uma cidade santa, ideal.

Também o cristianismo se difunde da mesma forma. Como conjunto de pequenas comunidades de irmãos que se amam e expulsam de seu interior a maldade do mundo. Algumas de forma cenóbica, outras como associações de indivíduos e de famílias que ficam no mundo, mas distanciando-se espiritualmente. O indivíduo se refugia não só para praticar seu culto, mas também para encontrar-se em uma atmosfera serena e boa, priva de competição e de inveja. Com as grandes religiões da salvação desaparece a idéia de uma potência impessoal que estabelece, sem razão, as partes, a *moira*, o destino do indivíduo. Tudo é visto dentro da imperscrutável vontade de Deus. Deus está na raiz de todas as diferenças e se elas aparecem caóticas e privas de sentido, é por causa de nossa inteligência limitada. Sob o plano de Deus tudo é sabedoria e justiça.

O mundo se afastou do projeto divino e se irrompeu o mal, o ódio, a maldade. Todas as religiões, de uma forma ou de outra, anunciam o fim desta época de perdição e conferem ao homem uma tarefa moral para realizar. Segundo o cristianismo, os homens devem amar-se como irmãos. Viver juntos sem ódio, em ajuda mútua. Mas também sem desejar o que os outros têm, sem inveja. Para que isso seja possível é necessário que cada indivíduo limite os seus desejos, reduza suas pretensões, as suas atividades e se contente com pouco.

Já nos Dez Mandamentos constava “não desejar os bens dos outros”. Agora é mais radical: “Não desejar intensamente nenhum bem deste mundo, e o que há de precioso que seja dos outros”. São desvalorizadas as riquezas, as honras, tudo o que move a inveja. Aos olhos de Deus não são nada. Por séculos e séculos o ideal das comunidades cristãs permanecerá a renúncia, a ascese. O ideal perseguido pelas pequenas comunidades é transferido para toda sociedade. A idéia de transformar toda a sociedade em uma única comunidade de irmãos foi sempre destinada a fracassar. O cristão sempre está dividido entre estas duas polaridades: empenhado no mundo, na guerra, na competição, no comércio, sente um contínuo sentimento de culpa e sonha poder desembaraçar-se de todos os desejos mundanos para viver na pobreza, na oração e no altruísmo. O desejo das coisas e das honras dos outros, a inveja se torna o sinal de fracasso de seus propósitos espirituais, a vitória do mundo com as suas tentações. Para o cristão, desejar a riqueza, o sucesso, as honras, quer dizer desejar para si e não para os outros, significa relativizar a regra fundamental do altruísmo e da fraternidade. Max Weber, e depois dele, muitos sociólogos e historiadores, esforçaram-se para explicar o aparecimento de uma ética da competição a partir do protestantismo. Nos países protestantes foram suprimidas as ordens monásticas e seu ideal de uma vida afastada do mundo. Difundiu-se a idéia de predestinação; o aspecto duro, incompreensível, não caritativo de Deus, que distribui conforme lhe apraz a salvação e a condenação, mais semelhante à *moira* grega que ao crucifixo

Mas, a grande mudança veio com a descoberta revolucionária de que os egoísmos, a avidez, a busca do próprio interesse, se oportunamente regulados, produzem não somente riqueza para todos, mas também uma maior justiça. A longa secular luta entre socialismo e capitalismo foi também uma luta entre estas concepções de vida social. O socialismo tem sua raiz na comunidade ideal helenística e cristã. O capitalismo redescobre, depois de milênios, a competição grega. A confiança na discórdia benigna, a *eris* benigna, recompensadora dos méritos. Estas duas concepções se confrontaram nos dois últimos séculos, e inspiraram regimes políticos diferentes e em luta. No século XX animaram verdadeiras guerras ideológicas, até o colapso do sistema comunista e a vitória de seu concorrente. A cultura americana está permeada por um profundo otimismo pragmático. Nos símbolos, nas instituições, no cinema hollywoodiano, na prática escolar diária, nas empresas, nos lugares de diversão como Disneyworld, sempre é repetido um único tema: Cada indivíduo que sabe lutar, que não se entrega, no fim será recompensado. É necessário colocar-se metas, é necessário combater para atingi-las. É necessá-

rio ter sonhos, e empenhar-se para realizá-los. Se alguém venceu é porque lutou e é superior e merece aplauso.

Esta ideologia se coloca como antítese total com a inveja. A inveja sofre pelo sucesso do vencedor, procura desvalorizá-lo e deseja que perca o que obteve. O credo americano impõe aclamá-lo, apreciá-lo moralmente.

## **Inveja e relações amorosas**

### **1) Pais e filhos**

O amor é o grande antagonista da inveja. Se amarmos alguém, queremos seu bem e ficamos felizes quando ele tem sucesso e é feliz. A criança é orgulhosa por aquilo que o pai faz, olha admirado o irmão maior que supera os outros numa competição. A namorada quer fundir-se com seu amado, esquece a si mesma e deseja somente o que lhe dá prazer. No amor, os confins entre sujeito e objeto são enfraquecidos. O indivíduo flui no outro, confunde-se com ele e o vive como uma parte essencial de si, como a parte mais preciosa de seu ser. Algumas expressões indicam isso: “meu coração”, “minha vida”, “minha alma”. O *Eu* é constituído pelos próprios objetos de amor e de identificação, individuais e coletivos. O eu de quem ama está completamente repleto, ocupado destes objetos. O sujeito vive neles e através deles.

Mas, qualquer amor, também o mais total, o mais intenso, inclusive aquele da criança com sua mãe, não é nunca pura fusão, é também afirmação das próprias necessidades, dos próprios desejos, da própria individualidade. Os psicanalistas mostraram isso (Cf Melanie Klein, *Inveja e gratidão*). A criança entra em conflito com os próprios pais. Terminam odiando e rejeitando os próprios objetos de amor e de identificação e esta dilaceração interior está na base da psicologia. Esta co-presença de amor e ódio, Freud a chama *ambivalência*. Pode haver, portanto, inveja em relação ao próprio pai, à própria mãe, em relação aos irmãos, mesmo que tenha amor, um grande amor.

A ambivalência é tanto mais provável quanto mais as pessoas são forçadas a viver juntas sem poder distanciar-se. É o que acontece na família. Os pais não podem separar-se dos filhos, os filhos menos ainda dos pais. O mesmo vale para os irmãos. Impedem-no oportunidades práticas, leis sociais milenares e, talvez, profundos condicionamentos genéticos. Amor e ódio precisam, forçosamente, conviver.

Há relações amorosas que surgem mais tarde: o namoro e a amizade. Nestes casos é mais fácil evitar a ambivalência. Em geral também estão privados de inveja. Se aparece quer dizer que a relação se deteriorou e que, mais cedo ou mais tarde, será destruída.

Nas relações familiares, a inveja está misturada, quase necessariamente, com o ciúme. Os irmãos, na verdade, competem por amor e aprovação dos pais. Uma mãe pode ficar invejosa da filha e uma filha da mãe se uma ou outra é demasiado bela ou demasiado importante. No filme de Ingmar Bergman *Sinfonia de outono*, a mãe é uma grande pianista e passa de concerto em concerto no exterior. A moça não se sente amada mas, sobretudo, não pode tomá-la como modelo, porque é demasiado superior. O filme mostra uma cena na qual a jovem senhora, casada, com mais de trinta anos, toca piano na presença da mãe que a foi visitar. Esta lhe dá algum conselho com delicadeza. Mas num certo momento a moça se põe a chorar e escapa dali. Não pode manter um confronto do qual sempre saiu humilhada, destruída. Mas, por que a moça continua a confrontar-se com a mãe depois de tanto tempo? Por que não escolheu outro caminho, evitando a comparação? Porque, quando a mãe estava ausente para os concertos, ela ficava sozinha com o pai, e tinha tomado o lugar dela. Mas o pai continuava a admirar, a amar a fascinante mulher distante. Falavam longamente juntos, ele enamorado, ela ciumenta. Por amor ao pai foi obrigada a permanecer identificada com ela, a aderir a seu modelo ideal.

O caso de uma mãe invejosa da filha: A mãe era robusta, escura, muito trabalhadora. A filha era delicada, loira, belíssima, inteligente, fantasiosa, capaz de conquistar a simpatia de cada qual. O pai ficava encantado diante desta amável menina, contava-lhe fábulas, ensinava-lhe a

ler e a escrever. A senhora não a suportava, maltratava-a, encontrava tudo que defeito nela. Depois nasceram dois filhos homens e o marido começou a ocupar-se deles transcurando da menina. Queria que estudassem, que vencessem na vida; mandou-os nas melhores escolas e segurava a filha em casa, procurando-lhe um marido. Apesar de trabalho duríssimo e humilhante, a moça tinha uma personalidade tão forte e uma beleza tão grande que terminava sempre ela no centro da atenção, a mais importante presença da casa. Os filhos fracassaram nos estudos ao passo que a moça, através de uma série de circunstâncias favoráveis, conseguiu se formar e fazer grande carreira. A mãe não cessou nunca de invejá-la, apesar de interiormente admirá-la e orgulhava-se dela. Aqui a inveja tem sua raiz no ciúme. É o ciúme que levou a mãe a observar com olho invejoso as qualidades físicas e intelectuais.

## **2) O enamoramento**

A inveja, presente entre irmãos e entre pais e filhos, desaparece completamente no namoro. Este é um dos fenômenos mais interessantes e menos explicados pela psicologia e pela sociologia porque liga estavelmente juntas – e de modo muito rápido – duas pessoas desconhecidas. A única teoria razoável do enamoramento é aquela exposta no livro *Enamoramento e Amor* (de Alberoni) e que explica a ausência da inveja.

O namoro é o *estado nascente* de um movimento coletivo formado por apenas duas pessoas. Os membros do grupo em formação vivem uma exaltante experiência de morte e renascimento. Sentem-se totalmente novos, livres do passado, abertos a um destino que os transcende. No namoro, esta experiência inefável é enriquecida pela extraordinária atração erótica, do êxtase sexual. O erotismo do namoro é do tipo extraordinário, sublime, precisamente porque representa a realização física da fusão, o desaparecimento da divisão entre sujeito e objeto, entre o Eu e o seu objeto de identificação. A *união mística* é apenas um aspecto do namoro. Os dois indivíduos, de fato, continuam a ser duas pessoas separadas, com próprios objetos de amor. Cada um, enquanto procura juntar-se ao outro, procura também afirmar a si mesmo. Cada um muda e pede também ao amado de mudar. O amor é também uma série de provas: provas de verdade e provas de reciprocidade, e também dilema.

No namoro, mesmo amando, cada qual procura também superar o outro, reduzi-lo a sua mercê, seduzi-lo, conquistá-lo. Os namorados podem mentir um ao outro, enganar-se, punir-se e vingar-se. Debaixo do mais puro dos amores sempre está pronto o punhal do ciúme, da tentação da vingança, a possibilidade do ódio. Mas não da inveja. Por quê? Porque no namoro, o objeto mais pleno do desejo, o objeto total do Eros é o outro e o seu amor. Porque o valor supremo, a fonte de todo valor é o outro. O namoro tem um único fim: sentir-se correspondido, ouvir dizer “te amo”. E este é o máximo prêmio e o mais sublime apreço e o mais precioso dos bens.

Na inveja, a pessoa invejada é o mediador, aquele que indica o que devemos desejar, o que tem valor e que, ao mesmo tempo, nos bloqueia o caminho e impede o acesso. Quanto mais ele atinge sua meta mais nos obstaculiza, quanto mais cresce, mais ficamos pequenos. Pode acontecer com a mãe, com o pai, com o irmão... Mas não pode acontecer no namoro porque o outro mesmo é a meta. Quanto mais é grande, desejável, mais nosso amor cresce. Quanto mais nos supera, mais o admiramos e o adoramos. Desejamos tornar mais belo o nosso amado. Os namorados se dão presentes para tornarem-se mutuamente mais atraentes. A linguagem do amor é, antes de mais nada, um hino à beleza, à superioridade do amado. No namoro, cada um vê no outro uma perfeição divina e se considera feliz de ter entrado em contato com ele. O outro é a porta do ser, o caminho que conduz à beatitude.

Quando somos ciumentos, quando procuramos arrancar de nós mesmos o nosso amor não correspondido, nos desesperamos, porque esta porta se fecha e a vida perde todo significado. Não pode haver inveja, nem na cólera nem no ódio, porque não há nada que valha mais do que nosso amor. O namoro é o ingresso na região abissal de tudo ou nada, do absoluto, do extraordinário, do sagrado. A inveja, a esta altura, perde todo significado. Se num casal reaparece a inveja, quer dizer que a última chama do namoro se apagou.

### 3) A amizade

Se o namoro surge do *estado nascente* através de uma revelação improvisa, a amizade se constitui pouco a pouco, graças à sucessão de encontros. Está fundada na compreensão recíproca, na confiança recíproca, na estima, todas qualidades morais. A amizade pode ser definida como sendo a forma moral do amor.

Não podemos ficar amigos de alguém que nos engana, de quem nos mente, com quem não se comporta corretamente conosco. Mas podemos enamorar-nos de um mentiroso, de um ladrão, de um delinqüente. O namoro se impõe a nós e o que podemos fazer é resistir-lhe. A amizade se constitui pouco a pouco e se fundamenta no princípio da realidade, na reciprocidade, na ajuda recíproca, no prazer de falar com o amigo, de partilhar as experiências e reflexões. Enquanto os namorados tendem à fusão, os amigos permanecem personalidades distintas e se enriquecem mutuamente exatamente porque cada um conserva a sua especificidade. Cada enamorado procura mudar o seu amado ou a sua amada e está pronta para mudar a si mesmo. Os amigos respeitam a sua diversidade. Quando dois namorados se dão um presente, escolhem na base aos próprios gostos ou à imagem idealizada do outro. Os amigos escolhem na base às suas reais necessidades, suas reais preferências, ou porque consideram, com motivos fundados, que lhe possa ser útil. Enquanto os namorados não conseguem ficar separados sem sofrer, os amigos estão seguros de seu afeto e podem ver-se apenas de vez em quando sem que sua amizade desapareça. Quando se encontram retomam a conversa onde a deixaram, como se não tivesse passado o tempo.

Os amigos sempre se consideram pares em grau, mesmo se um é mais rico que o outro e o outro mais pobre, mesmo que tenham papéis e cargos diferentes. É porque colocam em parênteses seu valor social e se entretêm num plano de absoluta paridade. Pode haver amizade entre dois desiguais, mas sob a condição que eles jamais coloquem em destaque a sua desigualdade, nem para dar presentes ou em pedir favores. O rico não deve dar presentes caros para não criar deveres de restituição. O pobre não deve pedir dinheiro para não colocar-se numa situação de dependência. Naturalmente, em caso de necessidade se ajudarão, mas o farão sem tanto cálculo como se fosse uma coisa totalmente priva de significado. Nenhum deve depender do outro, nenhum deve criar débitos de reconhecimento. Habitualmente não há inveja. Quando aparece, é logo expulsa.

A inveja nasce quando desejo os objetos, o poder, o prestígio do outro. Quando quero estar em seu lugar, substituí-lo naquilo que tem ou naquilo que é; mas sem conhecê-lo, sem penetrar em seus desejos, em seus problemas, angústias e sentimentos. O amigo faz exatamente o contrário: entra com discrição no ânimo do amigo, conhece-o, percebe seus desejos, seus medos, suas esperanças e se preocupa unicamente de seu bem. Não confunde os próprios desejos com os do amigo; não deseja o que o outro deseja.

O invejoso, obcecado pelo objeto, adere ao invejado, coloca-se acima dele. O amigo se diferencia do amigo; quer permanecer uma pessoa diferente e também quer que o amigo permaneça diverso. Isso quer dizer que entre amigos não haverá inveja? Não é isso. Exatamente porque se consideram pares e fazem de tudo para permanecerem assim os amigos são muito sensíveis a qualquer mudança que se manifesta entre eles. Se um deles faz algum progresso, constrói casa nova... o amigo pode notar a diferença e experimentar um pouco de inveja. A amizade sobrevive se ele sabe neutralizá-la logo. Em vez de concentrar-se no objeto, no resultado... ele se concentra na necessidade do amigo, em seu estado de ânimo, procura participar de sua alegria, olha as coisas do ponto de vista do amigo. Mas não se confunde com ele. Se, no momento de inveja desejou ter a mesma bela casa, logo depois separa de si este desejo. Está contente que seja o amigo a ter aquela casa. Ele tem a própria casa, os próprios sentimentos, os próprios desejos bem distintos daqueles do outro.

Este processo de *restituição do desejo* e de diferenciação é possível somente quando a superação (vantagem) não é demasiado grande, quando não ameaça de forma irreparável a sua dignidade.

#### **4) A inveja pela pessoa que se interpõe.**

Podemos experimentar inveja no lugar de alguém que amamos. A mãe que quer muito bem a seu filho, que o acompanha ansiosamente na escola, experimenta inveja em relação a um colega seu que tirou nota alta na aula. Sente inveja como se ela estivesse no lugar do filho, mesmo que o filho não seja invejoso de seu colega. Nem todos os tipos de amor se prestam para sentir inveja “no lugar do outro”. Para que aconteça requer-se uma identificação amorosa muito intensa, na qual o outro fica mais importante do que eu, toma o meu lugar nas relações com o mundo, me representa, realiza as coisas em meu lugar. Isso acontece em geral com a relação entre pais e filhos. Os pais transferem nos filhos o próprio desejo de sucesso, as próprias esperanças. Confiam neles. Antigamente era isso que em geral o pai fazia com o filho primogênito homem.

Pode-se ter também a inveja no lugar de outra pessoa quando percebemos e fazemos nosso o desejo de nosso amado. Muitas mulheres fortemente enamoradas do marido procuram seu sucesso, e por isso são invejosas de seus colegas ou de seus concorrentes. Às vezes são os homens que seguem o triunfo da mulher. A inveja no lugar de outra pessoa é um sintoma de um amor que dura desde muito tempo, muito profundo e muito radicado, de uma verdadeira e própria dedicação ao outro, vivido como a parte melhor, mais viva, mais plena de possibilidade do eu. Não a encontramos na forma de amor intenso, mas ainda não estabilizado, como no namoro. No estado nascente os namorados se amam, mas ao mesmo tempo, combatem ainda contra a sua paixão e procuram modificar-se mutuamente. Sua relação é feita de aproximações violentas e de separações bruscas, de profundas identificações e de tentativas de diferenciação. Se um dos dois está em dificuldade, o outro, em geral, lhe vem em ajuda. Mas há vezes nas quais o olha como um estranho, porque quer ver o que sabe fazer, como vai sair dessa. Este tipo de amor adora, suspira, aplaude, mas pode também julgar, condenar.

Na amizade, a relação é mais estável, consolidada. A inveja pode existir. Os amigos são individualidades distintas que se respeitam. São dois soberanos. Se alguém é tratado injustamente, o outro toma a sua defesa e lhe faz justiça. Normalmente um fica feliz se o outro tem sucesso, e fica infeliz por uma derrota dele e a vive como se tivesse sido com ele. Mas dificilmente experimenta inveja de querer estar em seu lugar porque não se confunde com ele, e não lhe atribui os próprios desejos.

Outro caso: identificar-se com um campeão esportivo no qual projetamos a parte melhor de nós mesmos. O mesmo acontece em relação ao chefe carismático que representa todos os membros do grupo. Se este herói vence, com ele vencemos também nós; se perde, perdemos nós também. Cada triunfo seu é um triunfo nosso, cada humilhação sua é nossa humilhação.

#### **Os sintomas da inveja**

No curso de nossa vida já fomos invejosos; algumas vezes mais, outras menos; outros períodos não a tivemos; alguma vez pode ser que experimentamos uma intoxicação invejosa. Do ponto de vista psicológico, a inveja é também um modo de ver os outros, um traço da personalidade. O invejoso às vezes não se limita a olhar com olho-mau o seu colega, olha com o mesmo olho seu vizinho, o colega de férias, o vencedor da loteria.

Alguns sintomas da presença da inveja produzem uma característica no modo de ser, de pensar. Mesmo sendo silenciosa, escondida, transparece através de seu ‘trabalho’, deixa seus rastros. Quando se torna doença invejosa, produz verdadeiros sintomas.

##### **1) A maledicência**

É o mais óbvio e mais notado sintoma da inveja. O invejoso procura desvalorizar o outro aos olhos do maior número possível de pessoas, sobretudo dos mais influentes. Sem dúvida, há indivíduos que têm um gosto especial pela maledicência. Como encontram e conhecem alguém logo descobrem algum defeito. Seu olhar corre à procura de fraquezas, limites, e sentem

a necessidade de ressaltá-las, torná-las públicas, provocar o comentário malicioso dos outros. Sobretudo, se se trata de personagens importantes, estimados, universalmente apreciados, não podem resistir à tentação de diminuí-los, de desacreditá-los.

Algumas vezes o fazem em sua presença através de perguntas inoportunas, com insinuações para colocá-los em embaraço. Em geral entram em ação quando o personagem está numa conversa, ou logo depois que se afastou. A maledicência é contagiosa. Uma vez iniciada, sempre tem alguém que se associa, que quer agregar a sua crítica, e isto produz uma reação em cadeia que alimentam até o momento em que fazem a vítima em pedaços, ridicularizada. Somente um bom observador nota que foram eles que iniciaram o processo e os que o dirigiram na direção que querem.

A inveja se esconde. O mestre da maledicência é habilíssimo. Às vezes usa defesas para destruir o outro. Este 'mestre' é considerado um homem brilhante que ri do mundo e de suas baixezas. E ninguém se dá conta que, com esta técnica, consegue desvalorizar quem lhe faz sombra. Alguns grandes mestres da maledicência transformaram-na em profissão. Elsa Maxwell, com sua grande rede de espionagem e sua famosa forma mundana desafogava sua inveja de mulher gorda e rude e 'soltava' todas as suas ferozes invejas da capital mundial do espetáculo Hollywood: um personagem potente e temido. Em todos os países há jornalistas que desenvolvem um papel análogo: línguas e canetas venenosas que constituem o dileto dos invejosos de todo tipo. Nenhum desses personagens vai admitir que é invejoso. Justificam-se que é objetividade jornalística. A sátira é outra justificativa do invejoso, como instrumento de agressão e de desvalorização dos adversários. Portanto, uma manifestação sublimada e mascarada do ódio, mais do que da inveja.

Em síntese, cada vez que se ouve ou se vê alguém falar mal dos outros, a rir deles sem nunca aplicar este comportamento a si mesmo, é muito provável que se trate de um invejoso. Esta suspeita vale, mesmo que se trate de um jornalista famoso, um político célebre, um intelectual reconhecidíssimo. O mundo está cheio de invejosos que estão muito contentes associados às suas maledicências. Os invejosos são seus fãs, seus clientes, seu exército silencioso.

## 2) *O justiceiro*

Também na sociedade mais justa e mais regulamentada, a vida continua ser algo que escapa da justiça. Um nasce alto outro baixo, um forte outro fraco, um inteligente e outro bobo, um com boa saúde e outro doente; um vive por longo tempo e outro tem vida breve; um é feliz em amor e outro infeliz; quem tem filhos e quem não os têm. As infinitas diferenças individuais e as infinitas circunstâncias da vida social, tudo faz com que cada um de nós tenha uma parte diferente de alegria, de felicidade, de fama, de amor, de tudo o que os seres humanos desejam. Cada um olha o outro que está melhor do que ele, pode perguntar-se "Por que ele e não eu?" sem encontrar resposta.

Os gregos falavam do destino. E só se pode padecer o destino. Nesta área obscura as perguntas por mérito perdem o sentido. Até a competição pressupõe qualidades que o indivíduo não se dá a si, mas recebe da vida. É premiado o mais forte, o mais hábil, o mais inteligente, o mais criativo, o mais original. Mas, o mais forte é realmente merecedor de sua força? Foi ele quem se lha deu? Em parte sim, porque desenvolveu seus músculos, treinou-se muito. Mas se estivesse doente não o conseguiria. O musicista, qual mérito tem de sua criatividade? Certamente a desenvolveu, cultivou, mas alguma coisa lhe foi dado como dom desde o início. Outras qualidades dependem da educação dada pelos pais, pela ajuda dos amigos ou do simples acaso. Em toda competição sempre tem uma fração obscura que não é mérito de ninguém. A inveja faz intuir esta abissal injustiça do mundo e protesta contra ela. O invejoso, para opor-se à injustiça universal, ataca e diminui quem tem mais sorte, quem é mais forte, mais feliz, mais dotado. Em nome da justiça transforma-se em destruidor de tudo o que se sobressai, do que vale.

## 3) *O pessimista*

O otimismo e o pessimismo, à primeira vista, parecem duas qualidades equivalentes, com vantagens e desvantagens opostas. O otimista está mais disposto para agir, é mais ativo. Mas desvaloriza demais as dificuldades e corre o risco de aventurar-se em caminhos perigosos. O pessimista, ao contrário, é excessivamente prudente e termina por perder muitas boas ocasiões. O ideal parece ser um pouco uma mescla dos dois. Na realidade otimismo e pessimismo não são somente dois comportamentos diante das dificuldades e diante do futuro; são também dois modos diversos de colocar-se em relação consigo mesmo e com os outros seres humanos. O pessimista não tem somente uma visão negativa do futuro, mas também dos seres humanos. Deles espera o pior. Quando os observa, descobre em toda parte as piores qualidades, as motivações mais egoístas, menos desinteressadas. Para ele, a sociedade está formada por pessoas corruptas, intimamente más, nas quais não dá para confiar e que não merecem nossa ajuda. O pessimista tem um extraordinário poder de contágio. Às vezes basta encontrá-lo de manhã cedo, e em pouco tempo transmite toda a sua negatividade e sua passividade. Explora algumas tendências presentes em todos nós e que não esperam outra coisa do que serem despertadas e potenciadas: nosso medo do futuro, nossa natural preguiça, a tendência de ficar parado. O pessimista é fundamentalmente um preguiçoso. Não quer fazer esforço para se adaptar ao novo. Tem rituais precisos para levantar, para almoçar, para o final de semana. Em geral o pessimista é também um ganancioso. Por que deve ser generoso se todo mundo está cheio de gananciosos, corruptos, aproveitadores? Mas, sobretudo ele é invejoso. Em geral elogia o que ele fez no passado. E acrescenta que poderia ter feito mais se não tivesse sido obstaculizado, se não houvesse tanta corrupção, se não houvesse os preferidos e não merecedores.

#### 4) *O crítico*

As pessoas invejosas, em geral não se empenham, não se entregam. Ficam observando os que trabalham como observadores frios, distantes. Parecem interessados e objetivos. Mas não é assim. Sua atenção está voltada unicamente em encontrar o defeito, o ponto fraco de quem está trabalhando, em descobrir um eventual erro. Depois, no momento mais delicado e menos oportuno expressam suas críticas e objeções. É incrível o poder que estas pessoas conseguem obter só criando obstáculos, fazendo objeções. Em geral acabam dominando onde trabalham e têm suas vítimas. E quais são as vítimas preferidas destes predadores invejosos? As pessoas ativas, entusiastas, pessoas que se dedicam; pessoas que têm projetos para realizar. Ninguém pode fazer uma coisa importante sozinho; precisa colaboradores. Todas as pessoas ativas falam de suas idéias e procuram o consenso social. É assim que acabam nas mãos dos críticos, dos que fingem escutar, mas que sempre dizem 'não'.

Para individuar estes super-críticos há uma técnica segura: Fazei-os falar de pessoas universalmente estimadas e apreciadas. Vão ver que sempre encontram defeitos, que têm dúvidas sobre a pureza de suas intenções. Não acreditam que haja pessoas verdadeiramente generosas e desinteressadas. Em outras palavras, querem reduzir todos os outros a seu nível. São invejosos.

#### 5) *Quem dá más notícias*

Alguns invejosos expressam a própria agressividade dando sempre notícias ruins; e as dão no momento menos apropriado, quando não se pode fazer nada. A sabedoria popular os chamava de 'profetas da desgraça'. Quando um amigo nos deve dar uma notícia que nos faz sofrer é muito prudente. Estuda o momento mais adequado. O portador de más notícias apenas a sabe, nos diz a coisa desagradável. Conta-a de manhã cedo, estragando-nos o dia. No fundo ele tem prazer em contar-nos, em ver nossa ansiedade. Ferindo sua vítima a tem presa a ele. A sua habilidade consiste em aparecer solícito, interessado, e por vezes, indispensável. Quem recebe uma má notícia tem necessidade de informações, de ajuda, de conselhos; tende a agarrar-se em quem tem mais informações, quem está mais próximo e a quem parece participar de seus

problemas, ou seja, o portador de más notícias, que pode parecer um aliado, um salvador. Mas ele aproveita a ocasião para agravar a dependência do outro, aumenta sua ansiedade. O portador de más notícias, no fundo é um pessimista, um cético que não crê na bondade, na boa fé, e quer rebaixar os outros a seu nível.

#### 6) *A autocomiseração*

A inveja não se expressa somente pela agressividade e a desvalorização dos outros, mas também pelo oposto, com a lamentação, com a autocomiseração. Em geral, quando ouvimos uma pessoa chorando, se lamentando, falando dos obstáculos que encontrou, das desgraças que impediram vencer, não pensamos na inveja. Participamos de seu sofrimento e lamentamos por não ter podido realizar o que a vida lhe prometera. Precisamos olhar mais profundamente dentro dela até ver o mundo como ela o vê. Então compreenderemos o sentido profundo de seu lamento. Para quem se autocomisera desta forma, o mundo é um lugar no qual o mérito não é reconhecido. Onde o sucesso, a riqueza e a felicidade são o produto de favoritismos e privilégios. Quem se autocomisera está convencido de ter sido tratado injustamente pela sociedade que foi exageradamente generosa para com outros. Escutando-as longamente nota-se que têm um alto conceito de si. Falando de seu passado se gloriam de sua coragem, sua esper-teza, sua generosidade. Contam como eram crianças precoces, geniais quando jovens, fascina-dos por festas. Depois se abateu sobre eles o azar, a incompreensão do mundo. Na realidade, estas pessoas são profundamente passivas. Renunciaram lutar e merecer um prêmio. Ficam imóveis, passivos e se justificam convencendo-se que não têm nada para fazer porque o mun-do é estruturalmente imoral. Sua autocomiseração é uma acusação: o mundo é cruel, o mundo é mau, por isso você não merece, deve ser-te tirado o que tens...

#### 7) *As honorificências*

Somos inclinados a pensar que quando uma pessoa teve sucesso, quando subiu o topo da hie-rarquia social, não deva mais ter razões para a inveja. Não é verdade. O contrário é verdadeiro. Não era invejosa antes quando lutava, quando começava a vencer. Então experimentava satis-fação e plenitude. Mas o tempo passa e já são outros que vencem e também porque a alegria que se sente pelo sucesso desaparece, pois para senti-la novamente precisamos atingir metas mais elevadas. Algumas pessoas se colocam como ideal e lema “vencer sempre”. Alguns, para obter segurança, tentam eliminar qualquer oposição no partido ou no sistema político. O cien-tista, o artista, o escritor vão em busca de prêmios e acumulam todo tipo de reconhecimentos para constituírem-se um ‘patrimônio’ de honras. Com isso querem objetivar o seu valor, esca-pando do julgamento dos outros, de sua opinião.

Quando as pessoas procuram estes reconhecimentos quer dizer que são vaidosas. A ascensão na hierarquia social não é um remédio contra a inveja, mas também não é sua causa. Os ho-mens célebres não eram invejosos na juventude quando lutavam, quando esperavam, quando criavam. Não tinham nada a perder. Mas quem teme perder, quem quer conservar o que ob-teve é invejoso. O invejoso é parente próximo do avaro. Percebe-se que há muita gente rica, potente é mesquinha, incapaz de verdadeira generosidade. Pensa somente em conservar a própria glória, o próprio patrimônio de dinheiro e de fama. Nem todos são assim. Há exce-ções.

#### **Quando desaparece a inveja**

A inveja, como vimos, aparece quando o eu se separa da coletividade, quando se contrapõe aos outros para afirmar seu valor, sua excelência, suas pretensões. Pode-se chamar isso de narcisismo, orgulho, soberba. Na realidade, a inveja é, sobretudo, um estado de solidão, de perda de relacionamentos, de raízes, de sentido. O invejoso tende a substituir estes laços com um ato solitário de agressão, um ato privado de guerra. Para iludir-se de que não está fora do grupo mente a si e aos demais. O invejoso é um exilado do mundo que mente diante do juiz

para ser readmitido. Mas, já que o juiz é ele mesmo, quanto mais mente mais se sente excluído.

A inveja desaparecerá quando o social se reapodera do indivíduo, o insere novamente no grande corpo coletivo. Seu eu se enriquece e flui nele uma energia maior. Reconhecendo-se nos objetos de amor coletivo, identificando-se com eles, a inveja desaparece. No preciso momento em que nos esquecemos de nós mesmos, o nosso eu separado supera a inveja.

### 1) *A multidão e a festa*

A situação mais simples de imersão no coletivo é apresentada pela multidão que se reúne para uma manifestação, ou no estádio de futebol. É uma rápida fusão do eu individual numa entidade maior, o pulsar do coração em sintonia com os outros corações, todos voltados para uma meta comum. Das multidões nos interessam aquelas que se reúnem semanalmente nas competições esportivas. Competições esperadas e preparadas por longas discussões, depois seguidas por comemorações, críticas e comentários, até novo reencontro no estádio.

O esporte espetáculo não tem nenhuma propriedade revolucionária, mas representa uma suspensão de todas as regras quotidianas de classificação, de valorização e de competição interpessoal. Os espectadores são todos iguais e estão fisicamente sentados perto um do outro, levantam-se todos juntos produzindo uma 'onda' e se abraçam, se insultam, choram, riem certos de que ninguém levará em consideração estes comportamentos para uma sanção social. Vivem umas férias do mundo quotidiano e das suas leis. Nenhuma sociedade pode viver se não consegue anular, periodicamente, suas regras de vida, se não cria espaços e ocasiões de infringi-las. Sem este desafio, esta irrigação emocional, sem esta recreação da fusão coletiva, toda instituição se deteriora.

A experiência de fusão coletiva no estádio é o grau mínimo desta renovação contínua que passa através da morte e renascimento, porque depois da partida todos voltam a ser como antes. Em nível de duas pessoas, corresponde-lhe não o evento explosivo e imprevisível do enamoramento, mas o ato sexual, o orgasmo, onde se fundem por algum momento dando-se prazer sem mediações.

Algo similar acontece nas discotecas, nos grandes concertos rock, nos tempos de férias quando os jovens correm toda a noite de uma festa para outra e, no dia seguinte novamente, dias e dias até retornarem para casa sem forças e podem dizer: "Quanto me diverti".

### 2) *O rito*

Sobretudo na forma das grandes festas religiosas da antiguidade ou das populações primitivas, o rito se constitui em fusão coletiva. Também aqui o indivíduo esquece a si mesmo, coloca-se dentro do fluxo da vida social, e o despojamento é maior. Não se cumprem no ambiente habitual. O indivíduo é arrastado em uma outra dimensão, a dimensão sagrada, onde tem um outro espaço e um outro tempo, onde se manifestam potências que aniquilam forças terrificantes e sublimes, diante das quais o homem não é nada, mas o atraem e o fascinam e lhe impõem uma reverência adorante. É o *tremendum e fascinans*, o *mirum*, do qual fala R. Otto, que revela o próprio fundamento, a própria natureza e salva.

A grande festa antiga pode durar meses, uma imersão total nesta outra realidade, na qual o mundo profano se dissolve, esvai e se recria. A grande festa é sempre festa de ano novo, morte e renascimento do mundo, no qual tudo se revitaliza exatamente porque passa através da morte, da indiferença, da confusão, mas se recria o cosmo, e volta belo como no primeiro dia, o dia da criação. A festa antiga não subverte a ordem social. No rito religioso o desaparecimento da inveja não se limita ao puro tempo cerimonial. A solidariedade coletiva se prolonga mais tempo, plasma o dever moral na vida quotidiana, torna-se mandamento, dever, prática do altruísmo, do amor. No auge de todas as grandes religiões encontramos instituições comunitárias, cenobíticas nas quais se realiza um ideal de perfeição ética, de afastamento do mundo, dos desejos, do egoísmo e, portanto, também da inveja.

Enquanto a festa são férias da vida quotidiana, uma interrupção, o rito, e especialmente, a instituição religiosa, propõe-se a prolongar as propriedades regenerantes da relação com o absoluto, transformando a cidade terrena na cidade de Deus.

### 3) *A guerra*

O fenômeno social que produz a mais extensa e mais rápida fusão coletiva, portanto, o desaparecimento da agressividade recíproca, das invejas e um difuso, exaltante senso de fraternidade estendido a toda a comunidade, é a guerra. Na guerra, a solidariedade da tribo, da cidade, da nação, se recompõe diante de um inimigo, que aparece como a sede e a causa de toda maldade. Este processo de alienação da agressividade sobre algum outro é uma propriedade da mente humana. Somos sempre ambivalentes em relação a nossos objetos de amor e identificação. Temos motivos para rancor, lamento e de inveja, também contra nossos filhos, nossos pais, nossos amigos, contra nossa Igreja, contra o governo e contra nossa pátria. Esta ambivalência provoca dúvidas e sofrimento. Na guerra a ambivalência desaparece graças ao mecanismo de *cisão*, através do qual todos os nossos objetos de amor ficam bons, sem mancha, e toda a agressividade, todo o mal são colocados no inimigo. Quanto mais o inimigo aparece como cruel mais os nossos aparecem como bons, injustamente perseguidos. Produz-se uma fusão coletiva. Os indivíduos esquecem as próprias preocupações pessoais e estão dispostos a morrer por esta entidade coletiva com a qual estão totalmente identificados e que sentem como fundamento e razão da própria existência.

A guerra é a festa por excelência, a festa suprema, o rito último, total, no qual a coletividade pede a seus membros a renúncia a tudo, mesmo à vida. Por milênios foi vista como o auge da vida social, o momento maior, mais nobre, mais sagrado de fundação da solidariedade coletiva. Por isso sempre esteve ligada à religião, conduzida no nome de Deus: “Deus o quer” cristão, “Gott mit uns” nazista são formas de identificação com o absoluto.

### 4) *O movimento*

Para a maioria dos sociólogos, a guerra – ou um de seus equivalentes (luta de classe, luta política) – é a única situação na qual se forma rapidamente uma solidariedade coletiva. Contra esta idéia existe a tese que, na realidade, a guerra é uma instituição persecutória, capaz de resolidificar uma unidade que já existe, mas não pode criar como algo novo uma entidade social solidária e capaz de durar no tempo. Esta propriedade unicamente a tem os movimentos graças ao processo de *estado nascente* do qual surgem. A festa, o rito, a guerra produzem uma modificação temporária do indivíduo. Ele se esquece a si mesmo, se funde na coletividade, se põe a seu serviço, mas quando o processo terminou, retorna como antes. Se há mudança duradoura, isto sucede lentamente como no caso de guerra longa onde os homens saem transformados porque passaram por experiências novas.

No estado nascente do movimento a mudança se produz no início. Indivíduo entra no movimento porque nele se processa uma violenta mudança interior, uma conversão, uma verdadeira morte-renascimento. As pessoas vivem uma extraordinária experiência intelectual e emocional que as leva a reconhecerem-se. O estado nascente não se contrapõe a um inimigo. Estabelece-se o modelo ideal de uma sociedade na qual não há mais ódio, rancor e inveja. É no estado nascente que a humanidade sonhou poder erradicar todo tipo de maldade, realizar um nível mais elevado de perfeição intelectual, estética e moral.

### 5) *Enamoramento*

O mais simples dos movimentos, aquele no qual o estado nascente liga apenas duas pessoas, é o namoro. Nele não pode haver inveja. Quando estamos enamorados, adquirimos uma extraordinária capacidade de ver, de sentir, de participar. As cores são mais vivas, as músicas mais intensas, os sentimentos mais vibrantes, os rostos que encontramos são mais interessantes, mais belos. Nossa alma acolhe cada coisa.

Ficamos escutando uma narração de um ancião, olhamos com ternura o olhar de uma criança, sabemos captar a extraordinária beleza de um fio de erva que se curva ao vento. Ficamos contentes com quem está alegre, felizes com quem é feliz, solícitos com quem sofre. Não nos preocupamos conosco mesmos; somos tolerantes com quem é descortês e rimos de quem é arrogante; acolhemos toda coisa bela e importante que vem a nosso encontro, não importa quem o diga; amamos tudo o que é sublime e tende para lá sem escolher, sem rejeitar, sem nunca confrontá-lo conosco.

### **Superar a inveja**

A partir daquilo que vimos, a inveja desaparece porque esquecemos nosso eu e o problema de seu valor. Não nos confrontamos mais com os outros, mas, junto com eles, nos identificamos em uma entidade que nos transcende. Estas forças coletivas se apresentam muitas vezes de forma irracional e violenta e fogem de nossa vontade. A maior parte de nossa vida acontece no cotidiano; mas é nela, quando não acontece nada, quando ninguém nos arrasta fora de nós mesmos, que sentimos a necessidade de indicações para libertar-nos da inveja usando nossa inteligência.

Convém dizer logo que, no mundo do espírito, não existem receitas, regras fáceis. Precisamos duvidar dos livros de receitas e dos conselhos. A estrada-mestra é a observação e a reflexão sobre nós mesmos, utilizando os instrumentos intelectuais dos quais nos apossamos. Podemos, finalmente, recapitular alguns pontos já estudados para encontrar alguma indicação, uma sugestão para a ação, algo que nos possa ser guia.

#### *1) Coragem*

Todos os seres humanos querem estar acima dos outros para serem preferidos, amados, admirados, adorados. É uma competição não declarada e implícita, na qual há alguns vencedores e vencidos. A inveja é uma reação à derrota, a tentativa de negá-la encontrando deméritos em quem nos superou, condenando-o moralmente, e com ele também o mundo que lhe deu valor.

Os seguidores das religiões monoteístas chamam em causa a imperscrutável vontade de Deus ou a sua misteriosa predestinação. Todos somos chamados a dar o melhor de nós mesmos, a consumir-nos, a lutar... mas, com a clara consciência que não fomos nós a fazer-nos o que somos. Masculinos ou femininos, brancos ou negros, europeus ou asiáticos, sãos ou enfermos: nossas virtudes dependem da sociedade na qual nascemos, da época histórica na qual vivemos. Há bem pouca coisa que podemos atribuir completamente a nossos méritos.

O invejoso faz exatamente o contrário: procura sempre uma razão de mérito por si, de descrédito pelo outro e vê por toda parte enganos. Se quisermos fugir desta fraqueza devemos procurar cultivar em nós a capacidade de enfrentar com serenidade tanto a sorte quanto o azar; também enfrentar o resultado mais absurdo, mais amargo. Podemos chamar esta virtude *força de ânimo*. É uma forma de coragem. Coragem na luta, coragem diante da derrota, coragem diante da catástrofe. O invejoso se lamenta. Para vencer a inveja precisamos aprender a não fazê-lo, nem mesmo quando temos razão, ou somos profundamente feridos. Até a criança aprende a não queixar-se demais; assim, pouco a pouco seu medo desaparece. É uma atitude de firmeza.

#### *2) Emulação (estímulo)*

Um modo de vencer a inveja é escolher fazer exatamente o contrário. Vencer nossa repugnância e olhar com atenção aqueles que são melhores que nós para aceitar o desafio que nos deixam com seu exemplo. Escolher o caminho da emulação sem absurda pretensão de chegar logo no cimo, de conquistar o primeiro lugar, pois isso seria arrogância e soberba. Aceitar o desafio significa em primeiro lugar colocar-se objetivos possíveis e alcançáveis. O esporte não requer a todos conquistar uma medalha de ouro, mas competir, e dar de seu melhor, cada um

em sua categoria, cada um dentro de suas possibilidades. Para muitos, o que estimula é o gosto em competir, o prazer de superar um obstáculo. O melhor exemplo de superação da inveja na sociedade moderna é a concorrência econômica. As empresas que competem, observam com extremo cuidado os melhoramentos trazidos pelos outros para imitá-los, neutralizá-los. Em vez de fechar os olhos diante do sucesso do adversário, estudam-no de modo aprofundado para compreender quais estratégias empregou. Na concorrência econômica o sucesso do outro não produz desespero, inveja ou difamação, mas interesse, pesquisas que redundam em ensinamentos preciosos. Esta concorrência produz um contínuo melhoramento das técnicas, da qualidade, do progresso.

Algo similar acontece na ciência experimental. O cientista aprende logo a deixar sua visão de lado e utilizar o resultado de seu colega como um novo ponto de partida. A inveja é uma estratégia para subtrair-se do confronto, para conservar o nosso valor sem expor-nos, sem arriscar-nos, bem protegidos em lugar seguro. Para vencê-la precisamos expor-nos ao risco, olhar o rosto do inimigo, superando os fantasmas gerados pelo medo.

### 3) *Sinceridade*

O invejoso mente. Mente a si quando desvaloriza a pessoa que admira, mente diante dos outros para selar sua inveja, para aparecer desinteressado e objetivo. A libertação consiste em ver a inveja em si mesmo, dizendo-se claramente: *“Sim, sou invejoso, o que digo e penso é motivado pela inveja”*. Quem admite isso já sente um alívio em não precisar continuar este jogo aviltante. Certamente é mais difícil admitir nossa inveja diante dos outros, pois isso equivale a dizer: *“Olhem, eu sou mentiroso, quando dou uma opinião não sou objetivo, mas lhes engano”*. Uma confissão dura, heróica, que é difícil conciliar mesmo que, em certos casos, seria salutar. O que não se deve fazer é explicar a própria inveja, justificá-la. Toda explicação é uma legitimação. A moral é o campo da vontade e da liberdade.

### 4) *Abertura*

Requer-se força de vontade para enfrentar a vida, coragem para recomeçar depois da derrota, transparência para admitir a própria mesquinhez. Requer-se também uma qualidade que tem a ver com a abertura, o otimismo, a alegria; um impulso vibrante para tudo o que estamos dispostos a admirar. A inveja é uma fuga do que desejamos, do que estamos prontos a amar, porque não suportamos vê-lo encarnado em algum outro, porque criamos um abismo insuperável entre nós e ele.

A vida é, na sua essência, contínua assimilação dos outros, do novo. A inveja é uma doença do processo de renovação vital. É uma doença do envelhecimento, independente da idade, pois há envelhecimento em qualquer período da vida, como em cada período da vida há fases de renovação, de renascimento. Os espíritos criativos são capazes de recriar em si uma forma nova diante do mundo. É um olhar que descobre o mistério, a profundidade, a riqueza de cada ser vivo. Encontramos este olhar em certos estados de graça. Todos temos em nosso profundo, uma tendência a olhar a nosso redor e mostrar os dentes. A inveja faz isso. Mas as civilizações descobriram também que é possível se identificar com a vida. Isso não quer dizer que precisamos querer bem a todos. Não podemos amar a qualquer um. É justo reconhecer nossos inimigos e combatê-los. Mesmo que são inimigos podemos compreendê-los e apreciar seu valor.

### 5) *Imparcialidade*

O invejoso está sempre pronto a indignar-se. A resposta psicológica e moral a este vício e fraqueza não podem ser procuradas num apelo genérico à bondade de ânimo ou à compreensão, mas à rigorosa aplicação de um critério racional de justiça.

Sobre isso temos três caminhos mestres: O utilitarismo, que nos prescreve agir de tal modo a tornar máxima a felicidade coletiva (Bentham); *“Aja em base à máxima que quereria ver adotada como lei universal”* (Kant); *posição fundamental* (Rawls) na qual devemos estabelecer o

critério de justiça sem saber qual é a nossa posição, especialmente sem saber se nos encontramos do lado do invejoso ou do invejado. Isso requer colocar-se no lugar do outro e não abrir a boca antes de ter feito esta experiência em boa fé. Tudo isso somente é possível se respeito o ser do outro. Cada pessoa merece este respeito. Viver é difícil, implica dor, requer esforços, cansaço. Sempre precisamos ter isso presente quando falamos com outra pessoa, quando a julgamos, quando observamos as coisas que fez. Imparcialidade significa que uso, em relação a qualquer um, a atenção e o respeito que peço para mim mesmo; aplico ao outro a medida que exijo para mim.

#### 6) *Concentração*

Para realizar uma obra verdadeiramente grande, para ter um real sucesso, convém não desejá-lo, não procurá-lo. Convém concentrar-se na qualidade do trabalho, olhando só a perfeição. Para haver sucesso é necessário desejar superar, estar bem motivado, olhar bem para a meta. O sucesso é, em primeiro lugar, reconhecimento público, aplauso. Quem tem em vista este reconhecimento, quem age em função deste fim, inexoravelmente se frustrará. Quem se preocupa com o sucesso fica escravo da opinião pública. Para ser agradável a todos precisa fazer concessões em todas as direções.

Além disso, ainda existe o peso da agressividade daqueles que nos cercam. As pessoas que nos invejam procuram deliberadamente induzir-nos ao erro. Louvam-nos quando fazemos coisas medíocres, mas nos atacam ferozmente quando somos originais e inovadores.

Se a inveja dos outros é perigosa, mais ainda o é a nossa inveja. Se, em vez de concentrar-nos em nossa obra, começamos a pensar naqueles que têm sucesso e nos atormentamos invejando-os, perdemos a nossa disposição interior e ficamos surdos e cegos. Por isso, qualquer coisa que façamos, qualquer que seja nosso trabalho, não podemos ter como meta o sucesso. A única salvação está em concentrar-nos na obra, procurando realizá-la de modo perfeito. O sucesso, se e quando chega, será um dom gratuito.